

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 5

Maio de 1918

Ano LXX

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

Os acontecimentos de França

As notícias vindas de França denotavam, desde os primeiros alvares da primavera, o despertar do inimigo do seu forçado entorpecimento do inverno e deixavam prever o próximo recrudescimento da luta temerosa entre os exércitos das nações aliadas, onde temos tambem o nosso posto, e os dos impérios centrais, luta que ha perto de quatro anos assola o território francês e se repercute com maior ou menor alento em todo o mundo.

As nossas previsões converteram-se em realidade, e a nossa expectativa de todas as horas derivou no mais legitimo anseio. O telégrafo trouxe-nos, na tarde do dia 12 do corrente, a notícia de que o inimigo, continuando a acumular fôrças consideráveis na frente ocidental desde que a assinatura do tratado de paz com a Rússia lhe permitira desguarnecer em parte a sua fronteira oriental, escolhera, para o seu segundo grande impulso, um sector que abrangia, além de consideravel parte da linha inglesa, aquella que está confiada ao esforço dos nossos bravos soldados e que corre de Richebourg para o norte, na direcção de Armentières. E entrando em pormenores sôbre êsse acontecimento, tanto quanto é possível nesta ocasião pormenorisar, acrescentava a comunicação que o inimigo, aproveitando o nevoeiro denso que encobria o horizonte, conseguira, na alvorada de 9, aproximar-se, sem ser visto, a alguns, poucos, metros das nossas linhas, lançando-se então sôbre elas com o irresistivel impeto de efectivos consideráveis e esmagadores, levando de vencida, em certos pontos, os nossos batalhões, que foram obrigados a ceder.

Eis integralmente e com todo o seu valor dum documento histórico a comunicação que o sr. general Tamagnini, illustre comandante do Corpo Expedicionário, fez ao govêrno e que êste transmitiu à imprensa :

*Às quatro e um quarto da manhã do dia 9 foi iniciado um violento bombardeamento contra a frente portuguesa.

Foram especialmente visados os comandos, desde os batalhões ao do corpo, cortadas as comunicações telegráficas e tornadas impossiveis outras comunicações em virtude de cerradas barragens.

Quatro divisões inimigas desenvolveram às sete e meia um violento ataque contra as nossas fôrças, o qual se sustentou até às dez horas e meia.

As nossas fôrças combateram com valor, mas foram obrigadas a retirar, sem pânico, em consequência do bombardeamento muito prolongado e constante e superioridade numérica da infantaria inimiga.

Além disso nevoeiro muito intenso, que durou todo o dia, originou que a infantaria inimiga só fôsse vista a 50 metros das nossas trincheiras.

As nossas perdas em pessoal e material serão comunicadas logo que haja pormenores garantidos.*

Informações posteriores dizem que as nossas tropas, mercê da intervenção de reforços, conseguiram estabelecer-se em posições à rectaguarda das que ocupavam, onde detiveram os progressos do inimigo, e que a acção fôra geral, numa extensão de alguns quilómetros, desde La Bassée até Armentières, conseguindo o inimigo quebrar tambem a heroica resistência dos nossos velhos aliados.

Tais são os acontecimentos, decerto os mais importantes que os anais desta guerra registam na parte que nos diz respeito. As perdas, ainda desconhecidas no momento em que escrevemos, não podem deixar de ser severas, tanto em pessoal como em material.

Dois factos, qual dêles mais consolador, minoram neste momento o nosso pesar. O primeiro é o respeito, podemos mesmo dizer admiração, com que a imprensa estrangeira unanimemente se referiu ao heroísmo dos nossos soldados, tecendo os

maiores elogios à sua firmeza, à sua serenidade e à sua bravura, que só cederam perante a superioridade numérica do inimigo. O outro é o eco que a notícia dos acontecimentos encontrou de lado a lado do país, dando oficiais e soldados os testemunhos mais inequívocos da sua solidariedade com os seus irmãos de armas que se acham em França, e mostrando a classe civil, no nobre empenho com que presta os serviços que lhe é possível prestar e com a sua febril anciedade, os fortes vínculos que a prendem ao exército. E isto nos assegura que, como nos grandes dias do passado, a pátria, serena e unida, saberá encarar os perigos que porventura a ameacem.

A *Revista Militar* curva-se reverente perante os que sucumbiram no cumprimento do dever e envia aos vivos a homenagem da sua mais afectuosa admiração.

Abril de 1918.

A DIRECÇÃO.





O coronel Nunes Gonçalves

O coronel Nunes Gonçalves

A *Revista Militar* regista hoje com profundo sentimento, a perda de um dos seus membros mais ilustres. Num dos ultimos dias do passado mês de Dezembro faleceu nesta cidade o coronel de artilharia José Nunes Gonçalves, com cinquenta e oito anos de idade, dos quais quasi quarenta consagrados ao serviço do exercito, que muito honrou pelo seu talento e virtudes.

Nunes Gonçalves era filho de uma honrada familia da Beira. Muito novo ainda veiu, com seu irmão, o falecido capitão de infantaria Chrisogono Nunes Pinto, para Coimbra em companhia de seus pais iniciar a sua carreira academica. Concluidos os estudos secundários entrou na Universidade, onde frequentou o curso preparatório para a arma de artilharia, sendo considerado por condiscipulos e contemporaneos como um dos estudantes mais inteligentes e applicados dessa época.

Em 1881 matriculou-se no curso de artilharia da Escola do Exercito, que concluiu em 1883, tendo obtido no primeiro ano o primeiro premio, e na classificação final o primeiro lugar. Em janeiro de 1884, foi promovido ao posto de 2.º tenente.

Colocado no regimento de artilharia n.º 1, Nunes Gonçalves confirmou plenamente pelo seu trabalho, pela sua competencia e pela sua dedicação ao serviço da arma, a que se orgulhava de pertencer, o lugar que, *a pulso*, tinha conquistado no seu curso.

Terminado o tirocinio em 1886 foi promovido a 1.º tenente e nomeado membro da comissão de trabalhos balísticos; nesse mesmo ano appareceu na *Revista das Sciencias Militares* o seu primeiro trabalho — *Armamento de Infantaria*, que concluiu em 1887.

O professorado militar atraía-o. Em 1887 concorreu a uma vacatura de repetidor da secção de sciencias militares; proposto pelo conselho de instrução, em primeiro lugar entre os concorrentes, repetidor para as salas de estudo e trabalhos praticos das sciencias militares e de instrução pratica de desenho e

topografia, foi nomeado repetidor da referida secção. Entre os documentos que apresentou ao concurso, encontrava-se uma memoria — *Artilharia Krupp e artilharia Bange*, que foi publicada na *Revista das Sciencias Militares* em 1888. Na mesma ocasião foram tambem nomeados repetidores, por propostas identicas à de Nunes Gonçalves, o malogrado capitão de engenharia Augusto Ferreira e o actual general snr. Oliveira Simões, que muito honraram a Escola do Exercito pelo seu trabalho e competencia. Começou aqui a sua carreira de professor.

O novo repetidor afirmou no exercicio das suas funções as qualidades, que o Conselho de Instrução, fundadamente, nêle previra.

Em 1888 publicou na *Revista das Sciencias Militares* um pequeno artigo — *Sobre o estabelecimento duma formula empirica destinada a dar a relação entre as cargas de tiro e as velocidades iniciais respectivas, empregando-se a polvora Pr. (1,64 ± 0,02) na peça A. E. P. 15° (M. K.)*. Este artigo marca o inicio das trabalhos, em que tanto se notabilizou. No mesmo ano a referida *Revista* inseria ainda uma tradução do alemão — *O tiro indirecto nas guerras de campanha e posições e principalmente nos combates em torno dos entrancheamentos de campanha*, e varias noticias bibliograficas de obras de artilharia. Com um estudo sobre — *A espingarda de repetição e calibre reduzido e a artilharia de campanha* terminou Nunes Gonçalves em 1890 a sua colaboração naquela autorisada *Revista*.

Em 1890 foi reorganizada a Escola do Exercito. Nunes Gonçalves, que tinha afirmado, como repetidor, qualidades de trabalho e competencia, foi provido no lugar de lente substituto da 7.^a 8.^a e 9.^a cadeiras (secção de artilharia); voltou, porem, á sua situação anterior por ter sido suspensa a referida reorganisação. Os seus — *Elementos de balística, teoria elementar do tiro e suas applicações* que, com outros trabalhos, lhe serviram, mais tarde, de titulo de candidatura a socio correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa, foram publicados em 1891.

Com a reforma da Escola do Exercito de 1890, abriu-se o ciclo das reformas deste estabelecimento, que não sabemos quando fechará.

Em 1892 appareceu um novo "Plano de reorganizaçao da Escola do Exercito"; Nunes Gonçalves foi nomeado para desempenhar as funções de lente adjunto provisorio das 5.^a, 6.^a

e 7.^a cadeiras (secção de artilharia), situação em que se conservou até á nova reorganisação decretada em 1894. E' deste ano a sua — *Theoria do movimento de rotação dos projecteis oblongos*.

Em 1893 um grupo de officiaes que muito se notabilizaram no serviço do exercito e na administração ultramarina, fundou a *Revista do exercito e da armada*; logo nesse ano a *Revista* inseria uma serie de artigos — *Explosivos modernos e polvoras sem fumo*, e em 1894 um artigo — *Notas ácerca das espólêtas mecânicas*, devidos á competencia do já considerado professor.

A reorganisação da Escola, decretada em 23 de Agosto de 1894, veiu alterar profundamente a organisação anterior e as que a tinham precedido. Uma das suas disposições preceituava que os logares de lente não podessem ser providos em officiaes com posto inferior ao de capitão. Nunes Gonçalves era ao tempo 1.^o tenente; mas a sua competencia na difficil especialidade scientifica tinha-se affirmado por forma tal, que o governo abriu para ele uma excepção, e nomeou-o lente da 8.^a cadeira (Balística e suas applicação ao tiro das bôcas de fogo), reconhecendo assim o seu talento, o seu estudo e a sua competencia. No ano lectivo de 1894-1895 fez litografar as suas lições sobre a — *Introdução ao estudo dos efeitos dos projecteis*. — *Probabilidades de tiro*.

Em 1895 a *Revista do Exercito e da Armada* inseriu nas suas colunas um artigo do 1.^o tenente Nunes Gonçalves sob a rubrica — *Notas para o estudo das penetrações da bala da espingarda 8^{mm} m1886 (K)*, que foi muito apreciada na imprensa da especialidade, nacional e estrangeira. Neste ano foi promovido ao posto de capitão.

Um dos seus mais valiosos trabalhos é o — *Estudo dos efeitos da polvora Barreto no cano das espingardas de 8^{mm} (K) m1897* — publicado em 1898. Apreciando esta obra, dizia o sábio professor Fonseca Benevides, no parecer em que Nunes Gonçalves foi proposto socio da Academia das Sciencias; «a nosso ver é um dos mais valiosos estudos do autor, em que é tratado o difficil problema da balística interna na sua applicação a uma parte do armamento nacional». Tambem na *Revista Militar* um considerado official, fazendo a apreciação deste estudo dizia que «o trabalho se infileirava distintamente com os de *Sarrau, Vieille, Noble, Mata*, e outros notáveis balísticos e experimentadores».

Mereceu ser louvado em Ordem do Exército de 1898, «pela intelligencia e applicação aos estudos militares, de que mais uma vês deu provas nas experiencias a que procedeu, e na elaboração dos — *Estudos dos efeitos da polvora Barreto*». São tambem do mesmo ano, uma serie de artigos publicados na *Revista do Exercito e da Armada* sobre — *Efeitos dos projecteis*, continuados em 1899; e ainda um artigo — *Manometrore gistador de pressões na alma das bocas de fogo*.

No ano lectivo de 1898-1899 foram litografadas na escola as suas — *Lições de balística externa*.

Os *Efeitos dos projecteis* apareceram publicados em volume em 1899. Na opinião do autorizado official de artilharia F. C. é um trabalho unico entre nós, e digno de figurar entre os melhores publicados no estrangeiro. O seu valor foi tambem reconhecido oficialmente numa portaria publicada na ordem do exercito de 1900 em que Nunes Gonçalves é louvado pela publicação da sua obra «em que se demonstra mais uma vez os seus elevados conhecimentos em tão importante assunto, zelo e proficiencia, prestando assim um valioso serviço á instrução militar».

Não descança porem este trabalhador infatigavel. Em 1900-1901 foram litografadas na escola do Exercito as — *Táboas e graficos de tiro* e as — *Lições de balística interna*; em 1902-1903 a — *Execução do tiro*. E' tambem de 1902 uma tradução do alemão, — *Estudo acerca das peças de campanha de tiro rapido e recuo sobre o reparo*, inserta na *Revista Militar*; de 1903 outra tradução, tambem do alemão, — *Composição e repartição das baterias de campanha armadas com peças de tiro rápido*, inserta na mesma *Revista*; e ainda deste mesmo ano — *Nota sobre um caso particular do tiro indirecto de artilharia de campanha*, publicado na *Revista do Exercito e da Armada*.

O — *Estudo do movimento dos projecteis na alma das bocas de fogo* — (extracto das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa)—apareceu em 1903. É nesta notavel memoria que Nunes Gonçalves faz a apresentação do seu método de balística interna por formulas mais exactas que as até ali conhecidas.

Em 1904 publicou a *Revista do Exercito e da Armada* um notavel trabalho de Nunes Gonçalves — *Estudo dos freios e recuperadores Krupp e Canet de 7 e 5 T. R. de campanha*, que deu logar a uma contestação de Fried. Krupp. O artilheiro português,

já ao tempo bem conhecido e auctorizado, replicou por tal forma em artigo publicado na mesma *Revista*, que a casa Krupp não voltou ao debate. Este trabalho foi muito apreciado nas Revistas estrangeiras. Ainda no mesmo ano se occupou na *Revista Militar* do — *Rearmamento da artilharia de campanha na Europa*.

Em 1904 fundou-se a *Revista de Artilharia*. Oficial considerado desta arma e mestre de officiais que, com desvanecimento, vemos justamente apreciados pelos aliados na guerra actual, Nunes Gonçalves colaborou no seu primeiro numero com um trabalho sobre — *Medida dos intervalos e alturas de explosão nos tiros de poligono*.

De 1904 a 1907, em que esteve em missão na officina do Creusot, a não ser a replica a Fried. Krupp, e os relatorios officiais, não temos noticia de qualquer publicação do illustre artilheiro.

A dedicação pela sua arma e a paixão pelos estudos balísticos continuaram a absorver a sua actividade. Em 1908 publicou na *Revista Militar* um artigo sobre o — *Rearmamento da artilharia de montanha*, que foi traduzido na *Revue d'artillerie*, e publicado em folheto, — (Extracto da *Revue*), em 1909 um trabalho sobre — *Armamento das baterias de costa*; em 1910 outro trabalho — *Explosivos para carregamento de projecteis*.

A segunda edição da — *Introdução ao estudo dos projecteis*. — *Probabilidades de tiro* foi publicada em 1909-1910, sendo também de 1910 os — *Estudos de balística interna*. Na colecção dos trabalhos de Nunes Gonçalves encontrámos uma tradução franceza desta obra devida ao comandante Defrasse.

A *Revista de artilharia*, que tem sido um centro de elaboração scientifica, organisou uma serie de conferencias, realizadas pelos mais abalisados officiais da arma. A — *Evolução do material de artilharia de campanha nos ultimos cincoenta anos* foi o tema de uma confêrencia feita por Nunes Gonçalves em 1908, e publicada, no mesmo ano, na citada *Revista*. Revelando largo conhecimento da matéria, escrita com grande esméro e relevo literário, o conferente, coerente com o seu relatório de 1904, terminava este trabalho com a seguinte conclusão, que oferecê actualidade:

«A derrota de 1870 foi uma afirmação de força inteligente da parte do mundo germanico, mas não terminou uma luta,

que dia a dia se acentúa mais nos dominios da politica mundial, nos dominios da filosofia, das sciências e das artes, em tudo o que constitui o cunho de uma civilização brilhante, que se esforça por não perder a posição adquirida, e o de uma civilização inteiramente avançada que toma por modelo a primeira e se esforça por iguala-la, e mesmo excede-la, em brilho e prestigio.

A luta — technica e scientifica — nos ultimos anos travada entre as industrias de guerra franceza e alemã, é um episodio deste permanente estado de tensão das duas raças e das duas civilizações. A vitória que foi retumbante, pertenceu desta vez ao genio latino — e à artilharia portugêsa coube a honra de iniciar o combate, mostrando á Europa que os Pyreneus não passam de um incidente de terreno e que não necessitava de exemplos para se subtraír á lenda e ao reclame e tomar, intemerato, pelo caminho que lhes apontavam ao mesmo tempo a sciencia e o patriotismo. A conferencia mereceu, especialmente á *Revista Militar*, as mais elogiosas referencias.

Por decreto de 24 de Dezembro de 1910, tendo quinze anos de capitão, Nunes Gonçalves foi promovido ao posto de major.

Em Agosto de 1911 foi novamente para o Creusot em missão do govêrno, donde regressou em 1913. Em Dezembro de 1912 foi promovido a tenente coronel.

A sua colaboração na *Revista de Artilharia* foi muito intensa em 1914. São desse ano os — *Estudos de balística interna*; a — *Gradação das espoletas de tempos*; as — *Provas mecanicas dos aços para canhões* (conferencia) e finalmente a — *Combustão da polvora a volume constante*.

Em 1917 publicou ainda na mesma *Revista* um artigo sobre — *Freios e recuperadores do material M.^m/1911*.

Quando morreu ocupava-se de um estudo de — *Balística experimental*, que infelizmente ficou incompleto.

Entre os seus trabalhos inéditos encontramos tambem uns — *Apontamentos de balística*, obra que, segundo nota do auctor, foi apresentada no concurso para repetidor na Escola do Exerçito em 1887.

Se era grande a sua competência profissional, não era menor a sua dedicação à Escola, em que foi professor, e a que consagrou os melhores anos da sua vida. Durante o tempo, quasi

trinta anos, em que nela serviu, o professor Nunes Gonçalves foi sempre escolhido para todas as comissões importantes de sevirço escolar. Uma das comissões em que manifestou, e brilhantemente, a sua vasta erudição e extraordinárias faculdades de trabalho, foi a direcção superior dos serviços da bibliotheca que exerceu de 1896 a 1903, em que marchou para o Creuzot a assistir ao fabrico do material de artilharia de campanha. Fazendo parte da comissão nomeada para elaborar as bases do catálogo sistemático, que era composta, além d'ele, dos lentes Raposo Botelho, Pereira dos Santos, Victoriano J. César, Fernando Maya, Mendes Leal e Alberto Botelho, a Nunes Gonçalves se deve, principalmente, o estudo das referidas bases, trabalho difficil, mas de incontestável vantagem, pois tem permitido a organização, com relativa facilidade, de quatro volumes do catálogo metódico, já hoje publicados, e que tão apreciados têm sido pelos estudiosos, que a elles têm recorrido. A classificação das obras que compõem os dois primeiros volumes foi feita, sob a sua direcção, pelo official da bibliotheca, o sr. major Francisco de Magalhães, em quem todos os bibliothecários encontraram sempre um intelligente colaborador. As aludidas bases do catálogo deram lugar a calorosas e interessantes discussões nos vários conselhos de instrucção, em que o assunto foi tratado, evidenciando-se sempre Nunes Gonçalves a esclarecer e a defender o excelente trabalho, que era, principalmente, obra sua, com a proficiência e vigor que todos lhe reconheciam. O Govêrno louvou o erudito bibliothecário em portaria de 17 de Dezembro de 1905, «pelo estudo, trabalho assíduo e dedicação de que deu provas na elaboração do referido catálogo», sendo também louvado, pelo mesmo motivo, o sr. Francisco de Magalhães.

A antiga Escola do Exêrcito deve também ao illustre professor o projecto de reconstrucção da carreira do tiro em 1903, sendo louvado em ordem da mesma Escola «pela muita intelligência e distincção com que elaborou o referido projecto».

Desde 1904 a 1907 Nunes Gonçalves esteve em missão no Creusot assistindo ao fabrico e recepção do material de artilharia de campanha, regressando em 1907 ao serviço da Escola. Infelizmente o seu estado de saude começou, desde essa época, a ser precário, o que sobressaltou os seus amigos e admiradô-

res; — «é necessário poupá-lo, se o perdermos não temos outro José Nunes» — dizia Dias Costa, receoso pelo estado de abatimento em que o via.

O projecto de reforma da Escola, propôsto pelo Conselho de Instrução ao govêrno de 1911, encontrou n'ele um inteligente e experimentado colaborador.

Em Outubro de 1910 o Ministro da Guerra ordenou ao conselho da Escola o estudo dum projecto de reorganização, da mesma Escola moldado em determinadas bases. Pela exposição que o Exm.^o General Comandante Moraes Sarmento fez ao Conselho, êste foi informado, que o Govêrno, sem impor um critério determinado nem coartar a liberdade do mesmo conselho, desejava uma reforma orientada pela organização do exército, cujas bases eram já conhecidas, e que mais tarde foi decretada. Para estudar um projecto que servisse de base à discussão do conselho, foi nomeada uma comissão presidida por Eduardo Vilaça, de que fazia parte Nunes Gonçalves. Esta, sem perder de vista a orientação que lhe foi dada, apresentou um projecto modesto, mas que não desvalorizava a categoria científica da Escola. O projecto, em que Nunes Gonçalves aliás tinha colaborado, não o satisfazia por completo, segundo ele proprio declarou.

Submetido à apreciação do Conselho, todos os seus membros, entre os quais havia verdadeiras capacidades e competências indiscutíveis, se manifestaram pela necessidade de manter o nível científico da Escola, embora se não perdessem de vista as condições especiais do país e a orientação que tinha sido exposta pelo Exm.^o General. Em harmonia com êste critério, foi ampliado o quadro das disciplinas, e organizados os cursos, segundo as exigências militares e tènicas das armas e serviços, para que a Escola habilitava.

Nunes Gonçalves tomou parte importante na discussão do projecto; aos professores das cadeiras de artilharia, e especialmente a êle, se deve a organização do «*Curso Complementar Técnico de Artilharia*», destinado a ser frequentado por officiais desta arma, que desejassem adquirir competência especial para os seus serviços técnicos. Pelo projecto a arma conservava a sua categoria científica, a unidade do seu quadro, uma igual preparação para todos os serviços, embora o curso da Escola fosse reduzido de três a dois anos, e uma especialização técnica superior para os serviços especiais.

O Govêrno não aceitou o «Projecto» propôsto pelo Conselho, e, em seu lugar, publicou a organização de 16 de Maio de 1911, que, salvo o respeito devido à lei, não representou um progresso sôbre a organização da velha Escola do Marquês de Sá.

Publicada a nova reforma, Nunes Gonçalves, apesar de não concordar com muitas das disposições, colaborou dedicada-mente nos regulamentos, que o Govêrno decretou para a sua execução. Cumpria sempre o seu dever.

Uma das disposições, que a organização de 1911 introduziu no regime da Escola, foi o concurso por provas eliminatórias, como condição para a matrícula nos seus diversos cursos. O apuramento por provas era uma aspiração dalguns professores, que nelas viam a forma de seleccionar alunos com a necessária preparação literária e científica para a frequência dos cursos da Escola; outros, porém, não tinham essa ilusão. Havia argumentos para tudo; mas os resultados dos concursos nos anos de 1912-1913 e 1913-1914 e a orientação governativa deram razão a estes últimos, entre os quais se contava Nunes Gonçalves.

Em 1913-1914 o ilustre professor presidiu ao júri de apuramento das provas eliminatórias. Concluidos os trabalhos apresentou ao Conselho um —*Relatório* sôbre o resultado dessas provas, em que expunha a forma como foram interpretados os pontos, como o deviam ser, causas presumiveis dos insucessos dos concursos, a necessidade, a manterem-se, de os modificar, concluindo por uma proposta de substituição do artigo da lei, em que êles foram estabelecidos. E' um trabalho primoroso, escrito com grande brilho, em que Nunes Gonçalves revela um alto critério, uma grande cultura literária e científica, e conhecimento perfeito da organização da nossa instrução secundária e da forma como, por causas várias, é ministrada e adquirida pelos alunos. Justamente apreciado pelo Conselho, foi pelo Exm.^o General mandado litografar e distribuir por todos os professores.

No desempenho dos serviços militares que lhe eram confiados pelo comando, Nunes Gonçalves era exemplaríssimo. Referindo-se ainda ha pouco, às suas múltiplas aptidões, e à forma escrupulosa como êle tinha desempenhado uma de terminada comissão de serviço, dizia-nos o ilustre General

Snr. Moraes Sarmiento, a quem a Escola deve relevantes serviços, que «era perfeito tudo o que saía das suas mãos».

Os serviços de Nunes Gonçalves não se limitaram só ao professorado e aos seus trabalhos científicos; os governos confiaram muitas vezes à sua competência profissional importantes comissões de serviço militar.

Por portaria de 27 de Junho de 1903 foi nomeada a comissão encarregada de estudar e propor o novo modelo de artilharia de campanha. Era formada dos coroneis Matias Nunes e Silvestre de Andrade, capitães Alberto da Silveira e Nunes Gonçalves, e tenente J. Francisco Nico.

A comissão, depois de percorrer e observar os diversos estabelecimentos produtores dêste material, antes de tomar uma resolução definitiva, propôs ao Governo a aquisição de um exemplar dos modelos Krupp e Canet, que melhor a tinham impressionado, para sobre êles fazer recaír uma série de experiências, complementares dos estudos já feitos, que lhe permitisse uma proposta conscienciosa do modelo a adoptar.

Quando a comissão esteve no Creusot, contou-nos ainda ha pouco o Exm.^o General Alberto da Silveira, esta para melhor ajuizar das qualidades do modelo apresentado, e que tinha deixado boas impressões nas experiências ali realizadas, manifestou desejo de conhecer os planos da peça. A casa, depois duma certa hesitação e com reservas, mostrou os planos. Nunes Gonçalves viu tão bem e tão rapidamente, e mostrou tais conhecimentos, que os engenheiros reconheceram que estavam em frente de uma alta competência.

As experiências propostas realizaram-se em Vendas Novas, sob um programma apertado, dizem-nos, elaborado por Nunes Gonçalves. Realizadas essas experiências e discutidos naturalmente os seus resultados, a comissão pronunciou-se, em relatório apresentado ao Governo, pelo material francês Schneider Canet, como sendo o que melhor podia corresponder às necessidades e aspirações da artilharia portuguesa nessa ocasião. O material propôsto foi adoptado. Do parecer da comissão discordou por voto em separado, o falecido General Matias Nunes, que se pronunciou pelo material Krupp.

O Relatório da comissão nomeada por portaria de 27 de

junho de 1903 para estudar e propor o novo modelo de material de artilharia de campanha é devido a Nunes Gonçalves. E', na opinião dos técnicos da especialidade, uma obra de superior valia, em que o seu autor não só justifica o modelo propôsto, mas ainda expõe as qualidades e as condições a que devia satisfazer o material de artilharia de campanha, que depois foram reconhecidas e adoptadas. Foi «louvado pelo muito estudo, zêlo e inteligência com que desempenhou o serviço desta comissão», em ordem do exercito de 14 de Maio de 1904.

Os seus trabalhos na referida comissão indicaram-no naturalmente para assistir ao fabrico do material.

Nomeado chefe da missão seguiu nesse mesmo ano para o Creusot. Em 1905 Nunes Gonçalves enviou ao Ministério da Guerra um — *Relatório*, assinado tambem por J. Francisco Nico, em que expoz os trabalhos de inspeção, fiscalisação e recepção das duas primeiras baterias que foram entregues pela casa Schneider ao govêrno portuguez. Este relatório está publicado na *Bibliotéca da Revista Militar* desse ano.

Terminada a missão pela entrega do material, regressou ao país em 1907. O *Relatório* que apresentou foi apreciado na portaria de 16 de Agôsto de 1907 nos termos seguintes: — «louvado pelo muito zêlo, inexcedível dedicação e especial competência de que deu provas na comissão encarregada de assistir ao fabrico e recepção do material de artilharia de campanha de 7, 5, T. R. m/904, e bem assim pelo aturado estudo e notável illustração, que se manifestam no relatório que apresentou».

Neste mesmo ano foi nomeado — presidente da comissão encarregada de estudar a maneira de adaptar os reparos Armstrong, em que estavam montadas as peças de 26 m/k a bordo do cruzador «Vasco da Gama», ao serviço a que se destinavam estas bôcas de fôgo numa das obras de fortificação do Campo Entrincheirado. Ainda em 1907 foi nomeado — presidente da comissão de serviço balístico, — vogal da comissão encarregada de elaborar o projecto definitivo duma carreira de tiro para os corpos da guarnição do Pôrto, — vogal da comissão encarregada de proceder ao exame das condições de segurança em que se encontrava a carreira de tiro de Pedrouços, sendo, por esta última, louvado em portaria de 17 de Junho de 1909, «pela muita dedicação e inteligência com que desempenhou

o serviço que lhe foi incumbido, tornando-se digno de especial menção pelo notável concurso dos seus conhecimentos balísticos para o estudo e cabal solução das modificações projectadas na Carreira de tiro de Pedrouços».

Em 1910 foi nomeado — vogal da comissão encarregada de estudar as espoletas universais sistema Ehrhardt e o emprêgo do trinitro-toluol no carregamento das granadas explosivas 7,5 T. R.; em 1911 — presidente da comissão encarregada de elaborar um regulamento para o serviço da metralhadora Schwarzlose.

Em 1911 o Governo aproveitou mais uma vez a competência do insigne artilheiro. Em Agosto foi enviado ao Creusot, como chefe da missão, para assistir ao fabrico e recepção do material de montanha, que tinha sido encomendado áquela casa, regressando à regência da sua cadeira em 1913.

Em 1914 foi nomeado — vogal da comissão técnica de artilharia de campanha.

Terminado o serviço do magistério neste ano pela sua promoção ao posto de coronel, foi colocado no serviço das inspecções do material de guerra do Arsenal do Exército e da 1.^a e 4.^a circunscrições.

A ultima comissão especial que desempenhou foi a de — presidente da comissão de mobilização das indústrias, para que havia sido nomeado em 1916.

Aqui fica, incompleto, talvez, o inventário das suas obras, dos seus trabalhos e dos seus serviços; oxalá que alguém com a necessária competência técnica faça a sua avaliação.

Os trabalhos científicos e os serviços militares de Nunes Gonçalves foram geralmente conhecidos e apreciados em Portugal e no estrangeiro. Os homens de ciência, especialmente os cultores das sciências matemáticas e físico-químicas, apreciaram com elogio as suas obras, os profissionais, particularmente os da sua arma, reputavam-no um mestre, a sua Escola considerava-o como um dos professores mais ilustres que por êla passaram e a Academia de Sciências em parecer relatado por Fonseca Benevides, e assinado por Mota Pegado, Schiapa Monteiro e Almeida Lima, abriu-lhe as suas portas em 1900.

Os governos reconheceram sempre os seus méritos e serviços. Além dos louvores que lhe foram concedidos em ordem

do exército, esmaltavam-lhe a sua farda honrada, a medalha de comportamento exemplar, a Cruz de S. Tiago, a Cruz de Aviz por serviços distintos e a medalha militar de bons serviços. O último louvor que lhe foi concedido tem a data de 17 de Junho de 1909.

*
* *
*

Pertenceu Nunes Gonçalves à pleiade de professores da época do renascimento da antiga Escola do Exército, iniciada em 1880 com a entrada no professorado de Tomás Bastos, Ressano Garcia, Vasconcelos Porto, Marrecas Ferreira, Dias Costa, Eduardo Vilaça e outros, alguns dêles já desaparecidos. Repetidor em 1887, lente substituto em 1890 e 1892, titular em 1895, à Escola dedicou os melhores anos da sua vida e os melhores frutos do seu trabalho e do seu talento; e se ela teve trabalhadores como Dias Costa, talentos como Ressano Garcia e competências como Rego Lima, para só falar dalguns mortos, não teve, convictamente o afirmamos, desde essa já afastada época até hoje, um professor que criasse e produzisse e fizesse progredir a ciência a que se dedicou como Nunes Gonçalves. Assim o atestam as suas obras.

A Escola considerava Nunes Gonçalves como um dos mais ilustres, senão o mais ilustre dos seus professores; os seus alunos manifestavam pelo seu saber uma justa admiração; os seus camaradas apreciavam na imprensa militar os seus trabalhos, unicos entre nós, como dignos de figurar entre os melhores publicados no estrangeiro.

Tendo ascendido ao posto de coronel, foi exonerado das funções de lente da cadeira que criara. É do teor seguinte o decreto que o exonerou: — «Hei por bem, sob proposta do Ministro da Guerra, exonerar de lente da Escola de Guerra, nos termos do art.º 23.º da respectiva organização, o lente da 10.ª cadeira, coronel de artilharia José Nunes Gonçalves». Nada mais! Nem uma palavra de reconhecimento pelos serviços dêste professor insigne, que tanto honrou a Escola e o exército no país e no estrangeiro, e que era, na opinião de alguns dos seus mais competentes camaradas d'arma, actualmente, o primeiro artilheiro conhecido. Em qualquer país do mundo um homem

da sua envergadura jámais seria forçado a deixar o magistério, que excepcionalmente honrava.

Embora o não mostrasse, porque era altivo e tinha a consciência do próprio valor, Nunes Gonçalves sentiu-se com a ingratidão; a um amigo que ao tempo lhe perguntava, que comissão lhe destinava o Govêrno, respondeu entre irónico e magoado: — «*dizem que vou inspeccionar foguetes para Braga*».

Os altos podêres do Estado não tiveram para êste homem o procedimento que lhes era impôsto pelos serviços relevantes por êle prestados ao país; de esperar é contudo, que a sua Escola não deixará, por honra própria, de lhe tributar uma condigna e merecida homenagem.

Era larga a cultura científica do ilustre oficial. Dotado duma bela inteligência, duma vontade firme, duma energia inquebrantavel e de poderosas faculdades de trabalho, Nunes Gonçalves abordava fâcilmente todas as questões.

Tinha das sciências fundamentais os conhecimentos necessários a todo o homem de sciência, sendo-lhe familiares as sciências matemáticas e físico-químicas, base indispensável para o estudo da *balística*, a que especialmente se dedicava. No parecer da secção de matemáticas da Academia das Sciências, que lhe abriu as portas daquela douta Associação, referindo-se ás obras apresentadas como titulos de candidatura, dizia o sabio relator Fonseca Benevides:—“nestas importantes obras sôbre assuntos difíceis de applicação das matemáticas às sciências militares, manifesta o autor bastante talento e muito estudo, trabalho e critério». E assim devia ser: a balística seguiu sempre os progressos das matemáticas e da físico-química, como Nunes Gonçalves demonstrou na sua *Oração proferida na abertura da Escola do Exército em 1908-1909*, esboçando a traços largos e magistraes o desenvolvimento scientifico desde o século XVII com os trabalhos de Galileu o fundador da *balística externa*, até aos trabalhos dos mestres que no século actual deram à *balística interna* um character verdadeiramente scientifico. Na obra do considerado matemático Sr. Rodolfo Guimarães «*Les mathematiques en Portugal*», encontra-se uma notícia dos trabalhos publicados por Nunes Gonçalves até 1910, seguida de notas, em que este ilustre académico faz as mais elogiosas referências ao seu autor.

E não era só um professor de balística para quem esta ciência não tinha segredos; era também um artilheiro de polígono como mostrou pelos seus trabalhos experimentais, e um engenheiro competente, como tal reconhecido. Assim o considerou a portaria de 18 de Agosto de 1907, a que já nos referimos, louvando-o pela especial competência de que deu provas durante a longa e difícil comissão de serviço de assistir ao fabrico e recepção do material de artilharia, e pelo aturado estudo e notável illustração que manifestou no respectivo relatório. Assim também o atestou a casa Schneider oferecendo-lhe um lugar de engenheiro nas oficinas de Creusot.

Nunes Goncalves era muito considerado naquele importante estabelecimento. Quem escreve estas linhas teve a honra de ser apresentado pelo illustre official na casa Schneider em Paris, em 1912, onde foi convidado a visitar o Creusot.

Passadas algumas semanas visitámos efectivamente aquele importantíssimo centro fabril. Logo no dia immediato ao da chegada fomos convidados, com Nunes Gonçaves e com o seu adjunto, para um jantar na Sociedade dos empregados superiores das oficinas. O jantar, servido com delicado esmêro em uma sala sumptuosa, foi presidido por um director e a êle assistiram, além dos convidados, os chefes de *bureau* dos diferentes serviços. A consideração e as deferências especiais que recebemos e que, segundo o costume, só eram dispensadas a missões officiais ou a personagens de alta situação social, mostram bem que a casa aproveitou a nossa modesta individualidade, que como particular visitámos a fábrica, para dar a Nunes Gonçaves, na pessoa dum seu colega, uma prova da elevada consideração, em que era tido pela direcção do estabelecimento.

Os officiais das missões estrangeiras tinham também em grande consideração os méritos do chefe da missão portuguesa. O major Scuti do exército italiano, que no Creusot fiscalizava o fabrico duma importante encomenda de material para o seu país, official que logo ás primeiras palavras se revelava um homem de grande cultura e de vivo espirito, dizia-nos, falando dos merecimentos do chefe da missão portuguesa que «a vida no Creusot era impossível sem Nunes Gonçaves, — era um mestre». Se êsse official illustre ainda não tivér perdido a vida em defesa da sua pátria, temos a certeza que deve ter sentido

a morte daquele a que chamava o *mestre*, e a cuja experiência e competência êle próprio nos disse, por vezes, tinha recorrido.

O artilheiro português era largamente conhecido no estrangeiro.

Em França, principalmente, eram muito apreciados os seus trabalhos, alguns dos quais foram traduzidos na *Revue d'artillerie*, e a outros se fizeram lisongueiras referências. O seu — *Estudo dos freios e recuperadores das peças Krupp e Canet* é, a cada passo, citado pelo capitão Challéat no seu trabalho — *Théorie des affûts à déformation à lien elastique et bêche de crosse*, publicado na *Revue* de 1904-1905. O — *Rearmamento de artilharia de montanha* encontra-se traduzido na *Revue* de Maio de 1908. Os seus — *Estudos de balística interna* estão também traduzidos em francês.

Na Belgica era também muito apreciado o sábio artilheiro. O capitão A. Collon numa série de artigos — *Affûts à déformation. Leur théorie mécanique, leur construction, leur rendement*, publicados na *Revue de l'armée belge*, faz numerosas citações dos trabalhos de Nunes Gonçalves e reconhece que o sábio official portuguez foi o primeiro que estudou com certo desenvolvimento a complexa questão dos *recuperadores d'ar*.

Na Italia o — *Estudo sobre a penetração da bala da espingarda 8^{mm}/1886* foi traduzido na *Rivista di Artiglieria e Genio* de Dezembro de 1895. A mesma *Rivista* no numero de Setembro de 1908, fêz um largo extracto do — *Rearmamento da artilharia de montanha*, fazendo referência à tradução francesa. O numero de Janeiro de 1911 da *Revue d'artillerie* insere a tradução de um trabalho — *Affûts a déformation sans frein et sans récupérateur* do major Stefano do exército italiano, onde se encontra uma carta de Nunes Gonçalves sobre o trabalho dêste official, e umas notas em que o autor cita as obras do artilheiro portuguez, que classifica de «obras de valor».

A contestação de Fried Krupp (Essen) ao seu — *Estudo dos freios e recuperadores* na *Internacional Revue*, e a merecida réplica de Nunes Gonçalves ao comerciante que via fugir o freguez mostram, que a competência profissional do artilheiro portuguez não passou despercebida na propria Alemanha.

O nome de Nunes Gonçalves não ficou confinado na Europa. Tivêmos a satisfação de ser intermediario do pedido das

Lições do seu curso para o Brazil e ainda para os Estados Unidos.

Era larga, como dissémos, a cultura de Nunes Gonçalves. Possuía ideias gerais sôbre os sistemas filosóficos e era-lhe familiar a doutrina positiva, o que não admira, pois frequentou Coímbra na época em que pelos adeptos da escola conteana, era batido o metafisismo coímbrao. Quando, aí por 1898, se discutiram os programas das cadeiras da secção militar da Escola do Exército, os seus colegas, dos quais já poucos existem, tiveram ocasião de admirar os seus conhecimentos sôbre esta materia. O coronel Sr. Garcia Guerreiro, ao tempo lente da 10.^a cadeira (Estrategia, Geografia e Estatística militar—História crítica da guerra), elaborou o respectivo programa, que abria com uma introdução sôbre o — «Método de estudo da sciência da guerra»; a doutrina e a terminologia indicavam uma orientação positiva, que era a geralmente seguida.

Dias Costa, que tinha entrado na discussão de todos os programas que à sua competência e experiência do ensino deveram propostas de alterações, que bastante os melhoraram, entrou também na discussão do programa da 10.^a cadeira; mas, ou porque tivesse critério divergente do critério nele estabelecido, ou porque aquela ordem de estudos não estivesse na sua educação profissional, que era grande, Dias Costa achava a sua doutrina, até perigosa num programa daquela natureza. Garcia Guerreiro, inteligente, com o seu critério afinado pelas doutrinas da escola positiva, defendia-o, e com êle outro professor, que não tinha outra autoridade que a resultante dos seus argumentos. No debate entrou Nunes Gonçalves, que encontrou, pelas suas propostas, forma de conciliar os escrúpulos; digamos assim, de Dias Costa com a doutrina do programa. Tinha já no conselho a autoridade que resulta de uma competência reconhecida.

Mas não era só um homem de sciência; sem ser um homem de letras, possuía uma elevada cultura literária e apreciáveis dotes de escritor.

Conhecia a nossa literatura e estava sempre em dia com o

movimento literário nacional; dificilmente se lhe falava em obra ou escritor, mais ou menos conhecido, que êle não tivesse lido e sôbre que não formasse o seu conceito.

A literatura francesa era-lhe familiar. Em 1912 encontramos em Paris, onde êle tinha vindo do Creusot, expressamente, para nos mostrar a grande cidade, que conhecia excelentemente. Ao terceiro ou quarto dia Nunes Gonçalves dizia-nos, que um professor não podia visitar Paris sem ver a Sorbonne. Fomos ao templo. Na Sorbonne Nunes Gonçalves dirigiu-se a uns quadros patentes nos vastos corredores para vêr as conferências e lições anunciadas para êsse dia. Um dos anuncios marcava uma conferência sôbre a literatura francesa do século XVII. Entramos na sala, onde àquela hora começava a conferência; um homem grave, cabeça clássica de conferente consagrado, detrás duma carteira coberta de edições veneráveis, que de vez em quando consultava, dissertava sôbre Corneille. O auditório era reduzido: dúzia e meia de ouvintes, quando muito, e entre êles algumas senhoras, tomavam notas uns, enquanto outros pouco interessados no assunto acabavam por sair, sem barulho, discretamente. A conferência interessou Nunes Gonçalves a tal ponto, que, apesar de não sentirmos naquela ocasião grande entusiasmo pelo fundador da tragedia clássica francesa, não nos atrevemos a distraír a atenção do nosso companheiro e ouvimos até ao fim. Passados dias teve artes de nos levar, *por acaso*, para os lados da Sorbonne, e quando estávamos próximos Nunes Gonçalves, consultando o relógio, *também por acaso*, disse-nos: o homem continúa hoje, vamos lá ouvi-lo. O assunto e o conferente tinham-o interessado: quando viu os anuncios, fixou as horas e dias da conferência.

Escrevia com propriedade, com elegância mesmo; o estilo dos seus trabalhos científicos é sobrio, a sua crítica é irónica, fina e graciosa, e na polémica era difícil fugir à sua dialectica viva, cortante, ferindo a fundo o adversario, que não poupava, mas com verdade e lealdade, porque leal era o seu caracter. Quando agarrava na partazana que, dizia êle, tinha arrumada detrás duma porta, atirava a escachar.

Em 1888 apareceu uma obra de crítica às nossas instituições militares a *«Verdadeira situação militar»*. Era seu autor o tenente-coronel de caçadores n.º 9 Mesquita Carvalho, diplomado em matemática pela Universidade, oficial muito ilustrado, com

largo tempo de serviço na sua arma, tendo completado os seus conhecimentos militares em viagens de estudo ao estrangeiro. A obra de Mesquita Carvalho, que encerrava certamente muitas verdades, mas onde havia afirmações menos exactas e conceitos menos verdadeiros, era de um pessimismo exagerado, que levou a uns a irritação, a outros o desalento. A imprensa politica da opposição aproveitou a obra como libelo contra o governo o parlamento occupou-se dela ao sabor das suas paixões, e as instituições militares não ganharam remedio para alguns dos males apontados. A imprensa militar appreciou a obra desfavoravelmente e até com severidade.

Nunes Gonçalves publicou então «*As Altas Cavalarias*», carta ao autor da «*Verdadeira situação militar*». São trinta e oito paginas, escritas com brilho, cortantes, ásperas, repassadas de ironia, em que se revela uma alta intelligência, servida por uma sólida cultura scientifica e literaria.

Tambem merecem referênciã os artigos «*O Livro... das Polvoras*», crítica a uma obra do capitão, Luiz Mardel, intitulada «*Polvoras, explosivos modernos e suas applicações*», publicados nas «*Novidades*» em 1894. A crítica, embora se mantivesse numa questão de princípios, era severa, severidade que levou o capitão Mardel, julgando-se atingido nos seus brios, a encarregar dois amigos de solucionar a questão. Estes não viram nos artigos offensa aos brios do seu constituinte, o que foi confirmado por Nunes Gonçalves em carta ao director das «*Novidades*», com a declaração de que no debate devia ser posta de parte qualquer ideia de offensa aos brios do autor criticado. Regeitando, porém, a interferência de qualquer individualidade para se pronunciar sobre o valor da sua crítica, reivindicou o direito de na imprensa continuar na posição que tomára. O capitão Mardel, que era um official illustrado, publicou então nas «*Novidades*» uns artigos em contestação; Nunes Gonçalves replicou na primitiva orientação.

O illustre official possuía tambem uma larga educação artistica; dos seus trabalhos scientificos ainda lhe sobrava tempo para visitar museus, ouvir concertos e fazer estudos, que lhe permitiam criticar uma obra d'arte e apreciar uma composição musical.

*
* *
*

Não era porê m só uma alta capacidade e uma grande competência; Nunes Gonçalves era também um elevado carácter, duma honorabilidade perfeita e dum grande desinteresse. Educado no meio duma família austera e simples, onde a honra e o dever eram a norma da vida, nela fortaleceu as qualidades ingénitas de um perfeito homem de bem. A linha recta era sempre para êle a mais curta distância. Nunca se dobrou a ninguém, nem por interesse ou subserviência era capaz de praticar um acto, que não estivesse em concordância com os seus princípios. Trabalhando só para o exército regeitou situações lucrativas, e se não morreu completamente pobre, não foi por que tivesse aumentado o seu patrimonio a troco de uma transigência.

Na vida de família Nunes Gonçalves era um modêlo, e nas relações sociais um amigo certo dos seus amigos.

A politica não o tentou e ainda bem, porque produziu mais e serviu melhor o país e o exército como homem de sciência e como soldado, que serviria como politico; estava mesmo, contra ela, tocado por uma ponta de scépticismo, e tinha razão. A um amigo, que, autorizado por um ministro da guerra já falecido, lhe ofereceu uma candidatura a deputado, o illustre official, agradecendo a amabilidade, delicadamente regeitou o oferecimento. Se tinha alguma vaidade era só dos seus trabalhos scientificos e profissionais.

Tal era Nunes Gonçalves.

Foi talvez recordando a sua vida e os seus trabalhos, que um amigo à hora triste em que o seu emagrecido corpo era envolvido no sudario da morte dizia comovido a um camarada que assistia também ao piedoso ácto: «que grande espírito se abrigou em tão pouca materia».

Emfim desapareceu. A pátria perdeu um cidadão illustre, o exército um official de subido valor, a «Revista» um dos seus consócios mais distintos, os seus amigos um amigo certo e a sua família um chefe exemplar.

Coronel MENDES LEAL.

BATALHA DE VERDUN ¹

(Segundo a versão francesa)

De 1 a 31 de Outubro

Não tendo ocorrido neste período quaisquer operações de notavel importância, pouco é possível adiantar na menção das acções locais, travadas sempre entre efectivos limitados, ao laconismo dos comunicados officiais.

Em 2 de Outubro pronunciaram os alemães um ataque violento entre Samogneux e a cota 344. No primeiro impeto alcançaram assenhorear-se de algumas trincheiras a N. dessa cota, mas, refeitos do ataque, os francezes conseguiram afinal repeli-los.

Decorridos alguns dias de tranquillidade, voltaram os alemães, em 10, a atacar violentamente as posições adversas do bosque Le Chaume. Durou a luta todo o dia, com alternativas de avanço e recuo, conseguindo os alemães por fim ficarem senhores de alguns elementos das trincheiras da primeira linha franceza. No dia seguinte retomaram a ofensiva a N. da cota 344, e com tal impeto, que repeliram os defensores, logrando os alemães estabelecer-se durante algum tempo numa trincheira adversa.

Em 16 travou-se uma pequena acção de infantaria na margem esquerda do Mosa, a N. da celebre cota 304, sendo os alemães repelidos.

Na manhã de 24, estes de novo atacaram violentamente na margem direita do rio, a N. E. da cota 344. Segundo os francezes afirmam, este ataque tinha por fim operar uma diversão à ofensiva do 6.º exército francês, do comando do general Maistre, iniciada a N. do Aisne, no dia precedente.

(¹) Continuado de pag. 823 da *Revista Militar*, n.º 12, de 1917.

Os alemães conseguiram penetrar numa das obras avançadas da linha francesa, na região da citada cota 344, mas, por meio de um vigoroso retorno-ofensivo, foram afinal expulsos dela e os franceses restabeleceram a linha primitiva.

No dia imediato—25—novo ataque alemão às posições adversas do bosque Le Chaume, ataque preparado por meio de violento bombardeamento, mas que afinal abortou perante a eficacia e intensidade do fogo da defesa, não chegando a desenvolver-se por completo.

Em 29 nova ofensiva no mesmo sector, mas executada ainda mais vigorosamente, permitindo aos alemães instalarem-se, durante algum tempo, em 500 metros de uma trincheira francesa da primeira linha.

Tendo tomado por sua vez a ofensiva, os franceses conseguiram desalojar o inimigo e reocupar a referida trincheira.

Nos dias seguintes o duelo da artilharia manteve grande actividade, especialmente nos sectores da margem direita do Mosa.

Portugal associa-se às homenagens dos aliados à cidade de Verdun

Ao descrevermos em tempo a homenagem prestada por todas as nações aliadas à heroica cidade de Verdun, escrevemos que em Setembro de 1916 já constava em França que o governo da Republica Portuguesa se associaria àquela homenagem¹. Decorrido um ano teve confirmação official a noticia que havíamos reproduzido.

Com efeito, em 5 de Outubro de 1917, foi publicado no *Diário do Governo* e depois reproduzido na *Ordem do Exército* n.º 15—2.ª série—de 16 de Outubro, o decreto do teor seguinte:

«Dispondo o § único do artigo 2.º do decreto n.º 3.386, de 26 de Setembro de 1917, que a Ordem da Torre Espada, po-

¹ Vidé pag. 806 da *Revista Militar*, n.º 12, de 1916.

«derá ser conferida a praças de guerra que por altos feitos se
«tenham notavelmente distinguido em qualquer campanha ;

«Tendo a Praça de Verdun, pela sua tenaz resistênci, cons-
«tância na luta e heroicidade da sua guarnição marcado bri-
«lhante lugar na actual guerra e dado gloriosa prova de quanto
«podem o valor e o patriotismo de uma nação :

«Hei por bem, sob proposta do Ministro da Guerra e nos
«termos do artigo 4.º do referido decreto n.º 3.386, decretar o
«seguinte :

«Artigo único.—É conferida á Praça de Verdun a 1.ª Classe
«da Ordem da Torre Espada, do Valor, Lialdade e Mérito.»

A cerimonia da entrega das insignias respectivas realizou-se no dia 10 de Outubro de 1917, na cidadela de Verdun.

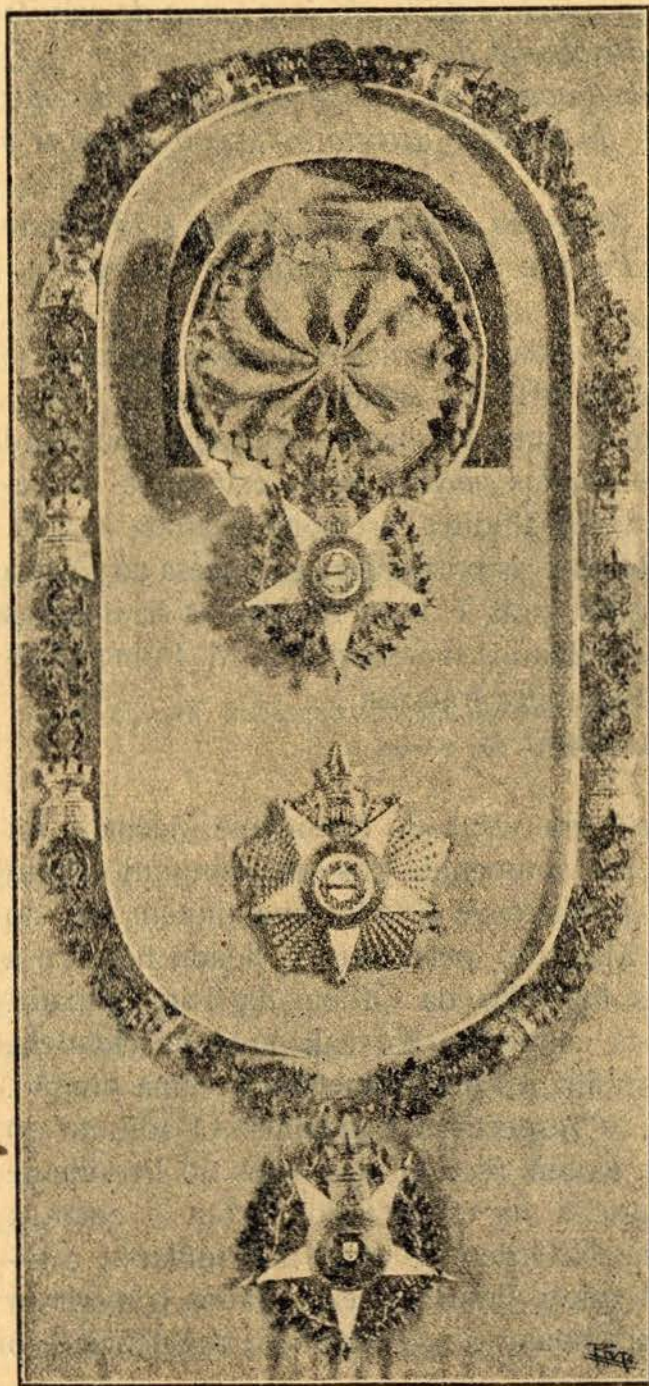
Do pequeno artigo de uma excelente publicação francesa¹ intitulado «*Os nossos aliados portugueses*», extraímos os seguintes períodos relativos à aludida cerimonia e ainda à visita dos Presidentes das Republicas portugêsa e francêsa ao Corpo Expedicionario Português, pois é bom registar as lisongeiras palavras que os nossos soldados mereceram a M. Poincaré, o illustre Presidente da Republica francêsa.

Diz o mencionado artigo :

«Em França, a primeira visita do Presidente Machado foi
«destinada a Verdun. Em companhia dos srs. Raimundo Poin-
«caré e Luís Barthou, Ministro de Estado, que tinham ido ao
«seu encontro, o sr. Machado percorreu a cidade heroica, à
«qual vinha trazer as insignias da Ordem da Torre Espada.
«A entrega solene desta condecoração realizou-se na cidadela,
«prestando as honras militares destacamentos de uma divisão,
«que acompanhavam as respectivas bandeiras. O adjunto do
«*maire* de Verdun, sr. Robin, recebeu das mãos do Presidente
«da Republica Portugêsa um estojo tricolor com o colar, a
«banda e a placa daquela Ordem, as quais irão juntar-se a to-
«das as condecorações que a França e seus aliados conferiram
«à praça de guerra para honrar a sua victoriósa resistênci e o
«seu sacrificio.»

¹ O jornal *L'illustration*.

A entrega das insignias foi acompanhada de um discurso proferido pelo sr. dr. Bernardino Machado, ao qual respondeu o adjunto do *maire* de Verdun.



Estojo com as insignias da Ordem da Torre Espada, oferecido á cidade de Verdun pelo governo português

Depois de algumas referências à visita presidencial a Reims e às regiões então recentemente reocupadas pelos franceses, entre o Oise e Nesle, a mencionada publicação acrescenta:

«Os srs. Machado e Poincaré, sempre acompanhados pelos ministros portugueses e pelo sr. Barthou, chegaram depois ao quartel general do Corpo Expedicionario Português. Passaram pela frente de um importante contingente dessas belas tropas, uma parte das quaistinha regressado das trincheiras havia apenas algumas horas. O Presidente da Republica francesa felicitou vivamente o seu chefe, general Tamagnini,

«pelo excelente aspecto dêsses soldados, que tão rapidamente e tão discretamente conquistaram um lugar glorioso entre as tropas francêsas e inglêsas e que fizeram conhecer ao inimigo comum o valor das suas armas.

«Durante esta cerimonia, a assistência não cessou de aclamar calorosamente os dois Chefes de Estado e de testemunhar aos soldados portuguezes e a Portugal a sua cordeal e fraternal amizade.»

E' consolador registrar que finalmente cessou o longo e bem estranhavel silêncio da imprensa estrangeira ácerca das tropas portuguezas que em França se batem corajosamente pela causa dos aliados, silêncio que a um illustre escritor francês, Henri Lavedan, mereceu severo comentario no belo artigo publicado no conhecido jornal *L'Illustration*, n.º 3.870, de 5 de Maio de 1917, sob o titulo «*Le Portugal*», artigo que ainda assim insufficientemente traduz, porque Lavedan o ignora, o ingente esforço, bem superior a todas as suas posses, feito com tão grande sacrificio por Portugal para tomar parte na guerra na Europa, quando o nosso país, de todos os minguados recursos militares, navais e financeiros de que dispõe, carecia para sustentar a guerra, com exito e glória, nas suas proprias colonias africanas.

Não resistimos a transcrever alguns períodos dêsse artigo, não os traduzindo para lhe não tirarmos o sabor original :

“Voici un peuple qui s'est élançé dans nos bras, dont le
 “coeur bat avec le nôtre, une jeune et sage republique toute en-
 “flamée de recevoir à côté de nous, sur les fonts que creuse
 “l'artillerie, le baptême des grandes vertus militaires... elle donne
 “ses fils, la fleur de sa belle et robuste jeunesse, elle donne en
 “outre ce qu'elle possède dans le présent, les espérances de
 “l'avenir, et tout le patrimoine de gloire de son passé, elle se
 “livre, en un mot, tout entière dans la plénitude de l'amour et
 “de la préférence... *et il n'en est plus question que si elle n'avait*
 “*rien fait... A peine çà et là son nom est il prononcé. Pour parler*
 “*d'elle, ceux qui en ont l'audace ou qu'anime une simple pen-*
 “*sée de reconnaissance doivent employer des circonlocutions et*
 “*des ruses... Jusqu'à ces derniers jours le Portugal fut interdit*
 “*à la presse avec une sévérité, qui demeure inexplica-*
 “**ble.**”

".....

".....

"Qu'a-t'on fait depuis leur débarquement et leur arrivée chez nous, pour les honorer et les remercier? *Rien, ou pas assez.*"

O italico é nosso e muito mais haveria que assinalar no artigo do illustre escritor francês. É cêdo porê m para os merecidos comentarios. A História se encarregará de os fazer em devido tempo e de explicar... *ce qui demeure inexplicable.*

Que amargo contraste—atendidas todas as devidas proporções — com o acolhimento feito aos americanos! E nem só a desproporção do numero e do valor do auxilio prestado aos aliados, explica e justifica o sucedido com os portugueses!

De 1 de Novembro a 31 de Dezembro de 1917

Nos últimos dois mêses de 1917 não sofreu alteração a fisionomia da luta em torno de Verdun, nem as condições atmosféricas se prestavam a operações de grande vulto.

De 30 de Outubro até 3 de Novembro não houve qualquer acção de infantaria a mencionar, mantendo-se porê m um activo canhoneio.

No dia 4 de Novembro de novo os alemães atacaram, e por duas vezes consecutivas, as posições a N. do bosque Le Chaume e mais uma vez tambem conseguiram os francêses repeli-los, com numerosas baixas.

Decorridos dias, em que só se fez ouvir o canhão, voltaram os alemães à carga, em 9, sôbre os mesmos objectivos. Durou a acção até o dia immediato, travando-se durante os dois dias de luta violentos combates de infantaria, sem que afinal resultasse qualquer alteração, ao que consta, nas linhas adversas.

Dias depois, os alemães realizaram novas offensivas em ambas as margens do Mosa, especialmente em 19 a E. da cota 344 (margem direita) e a S. E. de Malancourt (margem esquerda), e no dia 20 a N. do bosque de Caurières. Afirmam os francêses terem repellido com vantagem todos estes ataques.

A actividade das artilharias aumentou sensivelmente durante a noite de 24/25. Na manhã dêste dia, dirigiram os alemães varios ataques em torno da cota 344, sem resultado apreciavel. Horas depois tomaram os francêses a offensiva e

conseguiram conquistar duas linhas das trincheiras inimigas, desde S. da quinta de Anglemont até Samogneux, numa frente de 3 quilómetros e meio, capturando não menos de 800 prisioneiros e dilatando as respectivas posições a N. da referida cota 344. Alguns grupos de alemães continuaram porém oferecendo resistência nuns e noutros pontos da zona conquistada, resistência que os francêses lograram dominar por completo no dia 27 com uma pequena acção local.

Após três dias de trégua, em 1 de Dezembro, executaram os alemães um violento ataque na margem direita do rio, a N. do bosque de Fosses.

Por duas vezes as suas tropas de assalto foram repelidas até às próprias trincheiras.

Em 3 nova tentativa, a N. de Flirey, no Woëvre, igualmente sem exito.

No dia 4 uma ofensiva esboçada a O. de Avocourt, na margem esquerda, foi detida e frustrada pelo energico fogo dos francêses.

Entre 7 e 15 houve numerosos ataques dos alemães, mas com pequenos efectivos: em 7, 8 e 9 sobre Bezonvaux e Beaumont; em 10 sobre as trincheiras do bosque Le Chaume; em 12, na margem esquerda, sobre a celebre cota 304; em 13 sobre o bosque de Caurières e esta foi a acção mais importante; finalmente em 15 novamente sobre o bosque Le Chaume. Nenhum resultado apreciavel, além das baixas produzidas, resultou destas pequenas acções locais, as quais nenhuma modificação determinaram nas linhas de um e outro lado.

Decorridos alguns dias de tranquillidade, os alemães voltaram a atacar os sectores de Bezonvaux em 24 e do bosque de Caurières em 26, ataques que os francêses lograram repelir.

O canhoneio manteve-se bastante vivo neste dia 26 e seguintes. Em 27 algumas forças alemãs que procuravam concentrar-se para sem duvida efectuarem novo ataque, ainda nos mesmos sectores, foram dispersas pelo violento fogo da artilharia francesa.

Finalmente em 30 de Dezembro repeliram os francêses varios ataques de patrulhas alemãs de pequeno efectivo e foram estas as últimas acções em que a infantaria se empenhou na região de Verdun no ano de 1917.

(Continúa).

P. S.

O país e o exercito no actual momento

O que a desordem social pode acarretar a um país, ninguém apto para pensar ha que o desconheça, senão no seu maximo efeito, no bastante para poder avaliar que é a tal ponto nociva que só a condenação absoluta merece.

Explanar as razões das desastrosas consequencias dessa desordem, é cair na vulgaridade das afirmações em que poderia expandir-se o respectivo Calino.

Tem sido motivo de pasmo, o grau de resistencia oferecida pela Alemanha ao esforço coligado de tantos povos, que com os alemães se poseram em luta. Pois esse grau assombroso de resistencia inesperada tem uma unica fonte, uma unica razão:— a disciplina social verdadeiramente invejavel desse povo, cuja educação sob o ponto de vista patriotico não tem outra igual.

E se precisassemos ainda de mais exemplos alem dos que a historia já nos oferece do cataclismo a que a indisciplina social pode conduzir, tê-los-iamos aí expostos ao nosso criterio, esmagadores em evidencia, no descabro porque está passando o colosso que foi a Russia, cujos destinos tão grandiosos se nos afiguravam.

Em Portugal a desordem vem minando mais intensivamente os diferentes elementos sociais ha uns 30 ânos a esta parte. Homens ponderados e de vistas claras assinalaram o perigo num esforço só louvavel, que se manifestou na imprensa, especialmente na militar, e naquelas reuniões em que as questões sociais mais propriamente se debatem. A corrente de dissolvencia, porem, era demasiado forte, para que o limitado numero de campeões em campo a conseguisse travar. As erupções irromperam, e se guiadas pela Razão delas poderiam derivar beneficios compensadores dos estragos a que deram logar, a verdade iniludivel é que com o desmoronamento dos esteios

em que a podridão lavrava, abalaram juntamente as colunas em que a Moral se ergue e donde a Luz irradia.

Se a desordem minava tão fundo, outras não poderiam ser as consequencias. E'ra fatal.

E de rôdo com o desmoronamento social que assim se desencadeou, o exercito — reflexo sempre da Sociedade e da Sociedade constituindo sempre um elemento embora simultaneamente lhe seja um apoio —, o exercito, diziamos, cambaleou, e se já se não afundou de todo no cáos que era de recear, é porque ainda o ampara o sentimento que tem da Patria carcer do sangue dos seus filhos em holocausto á vida dela, neste momento difficil.

A guerra, porem, que hoje anima o exercito, ha de ter um fim; e, após ella, as lutas que se desencadearem pelas conquistas das aspirações que veem dominando as massas populares, bem poderão subverter de todo a instituição militar, essa força unica a que tantas Patrias que se soergueram devem a sua salvação. Não é de pessimista este raciocinio: a farta sementeira de ideas subversivas justifica-o.

Ainda será tempo de sustar a hecatombe?

Parece que ha vontade de se restabelecer de facto a Ordem. Alentos de vida ainda não extinta, dessa vida que tão pujante foi, manifestam-se em arquezos que ainda tem força e podem ganhar expansão que baste a revigorar o nosso combalido organismo. Não nos faleça então o animo, redobremos de energia e dêmo-nos á obra redentora que nos eleve a sobrepujar o perigo.

E seja pelo exercito que comecemos. Vamos! Mãos á obra.

O exercito deve ser para o país a escola da obediencia e da moralidade, é tese estabelecida ha bastantes anos por um dos mais illustres dos nossos officiais.

Nas circunstancias em que nos debatemos não é facil levar o exercito tão breve quanto seria para desejar a ser o que exprime a aspiração contida na tese exposta. Estudada a etiologia do mal que invadiu o exercito, conhece-se que esse mal tem ligações muito intimas com a anormalidade que tem assinalado a época iniciada em outubro de 1910. O conhecimento e o sentimento do dever em que se apoia a disciplina

militar, tem por principal elemento de formação a educação geral do todo que se designa Sociedade, vindo a ser a educação militar um complemento da educação social; e, sendo esta viciosa, aquela acha-se consequentemente dificultada pelas más condições de proseguição com que esbarra e tanto mais quanto essas más condições forem falsas.

Contudo, uma acção intensa exercida no exercito pelo seu corpo educador, pode produzir resultados muito apreciaveis, que se irão acentuando progressivamente, se *ao mesmo tempo na parte social uma outra acção tendente ao mesmo fim e pelo que directamente lhe diz respeito se realizar, com aquela energia que as circunstancias reclamam.*

Fazer a tentativa no exercito, deixando continuar o estado geral no pé em que se encontra, será — como vulgarmente se diz — remar contra a maré, será arcar com dificuldades insuperaveis, será — numa palavra — um impossivel.

A condição essencial para que o exercito se levante á altura que o pode recomendar como util a todos os respeitos, é que não seja iludido o lema primacial de toda a Sociedade organizada — ordem e trabalho.

Nada mais será preciso; isso será tudo.

Podemos sintetizar em dois artigos unicos, o trabalho a efectivar para a obra a que urge nos entreguemos.

— 1.º Reorganização da sociedade portugueza;

— 2.º Intensificação na instituição armada de todos os meios especiais proprios a fortalecer e purificar o seu moral.

Deixando de lado o complexo problema enunciado no numero 1.º, que não é de tratar na «Revista Militar», dada a indole deste jornal, versaremos hoje alguns dos pontos sobre que, a nosso vêr, devemos immediatamente concentrar as nossas atenções, pelo que diz respeito ao proposto no 2.º artigo.

Começaremos pelo que podemos classificar um cancro que corrompe o exercito.

Viu-se que nos desmandos que por essa Lisboa se cometevam nos dias 6, 7 e 8 de dezembro, aproveitando a conflagração em que esteve a cidade, tomaram parte criaturas que levaram sobre si o uniforme militar. Estamos inteiramente convencidos que o maior numero dessas criaturas não tinham praça assente no exercito, não passavam de salteadores, que havendo ás mãos artigos de uniforme com eles se abrigaram para mais

a salvo se darem ás suas façanhas. Mas tambem não nos repugna aceitar, que entre esses assaltantes de ourivesarias e outros estabelecimentos alheios ao ramo de subsistencias, alguns haveriam que realmente sejam soldados. Para termos esta opinião, basta considerar que ha o mau habito (chamemos-lhe assim) de alistar no exercito toda a qualidade de vadios, que da escola das cadeias trazem um curso de anos! Isto que se faz sem a adopção de precauções especiais, chegando-se ao ponto de encorporar esses tarados nos corpos com quartel nos centros que foram o campo da sua vadiagem, isto é, conservando-os exactamente no meio em que se geraram, ha de fatalmente originar para o exercito casos deprimentes semelhantes áqueles que estamos considerando, sempre que se proporcionem occasiões. Seriam talvez os vadios encorporados nos corpos de Lisboa que facilitaram o uniforme aos que não eram militares, mas que conheciam como condiscipulos senão como mestres das escolas de bandidismo.

A fora este caso especial de exercicio livre das prendas de salteador, que foi o que nos trouxe á mente o alistamento corrente de vadios, que já bons amargos de boca nos teem dado e hão de dar sempre a todo o comando, devemos ainda considerar a acção dissolvente de cada momento, que tais elementos exercerão para com os simples que dos campos veem para as fileiras.

Não ha necessidade de esmiuçar qual será essa acção, cremos nós, nem de figurar até onde podem ir os seus efeitos. É a corrupção exercendo-se em toda a plenitude!

Tem que cessar a forma porque se faculta aos vadios e a todas as criaturas de semelhante valor moral a prestação da obrigação do serviço militar; e para o momento actual, que poderemos tomar como de excepção, ha que fazer, é forçoso que se faça uma depuração rigorosa entre o exercito, que os meios ordinarios talvez não permitam conseguir-se. Para esta depuração impõe-se a adopção de medidas extraordinarias; não basta, nem mesmo é meio recomendavel pela criminologia dos nossos dias, a repressão violenta; será necessaria uma formula de educação regeneradora para esses homens, que se não coaduna, que não pode ser aquela que se adopta para com o geral dos soldados, de que a maioria é composta por homens de sentimentos, honestos, trabalhadores. Estes podem considerar-se

como crianças em quem se tem de desenvolver as boas qualidades inatas, que de per si abafarão qualquer germen nocivo, que por ventura exista; os outros são tarados em quem predomina o vicio. Entre uns e outros ha um abismo, em que se confundirão quando se mescluem.

Nós nunca podemos compreender a facilidade com que se alista como soldado toda a sorte de vadios, hoje que o exercito deve ser um agregado perfeito de cidadãos conscientes dos seus deveres e direitos, sem sujeitar tais individuos a um regimen especial, misturando-os entre a grande massa, a contamina-la. A's praças que tendo sido licenceadas queiram voltar ao serviço, exige-se, e muito bem, o certificado do registo criminal; mas para a primeira praça pode esse registo estar sujo e bem sujo, que essa triste e ponderosa circumstancia não motiva quaisquer prevenções especiais, nem mesmo é conhecida pelo comando para o orientar na conduta a seguir!

E' admissivel este criterio?

Não é.

Passemos a outro ponto.

No obra a empreender temos como factor essencial o quadro instrutor. As necessidades da mobilização para a guerra em que estamos envolvidos, cereceu consideravelmente a disponibilidade de graduados e a tal ponto que se luta com serias dificuldades para manter os quadros indispensaveis nas diferentes unidades, principalmente de infantaria.

A instrução por companhias, tão preconizada, teve de falir por esse motivo. E se para a escola de recrutas a deficiencia existente de instrutores se pode contrabalançar pelo recurso aos graduados de toda a unidade, formando de todos os recrutas uma companhia de instrução, uma vez finda essa escola e regressados os novos soldados ás suas companhias administrativas, a falta de graduados faz-se sentir em absoluto, o soldado corre o risco dum quasi abandono, exactamente quando a natureza do serviço que começa a prestar o afasta dos meios educativos.

É esta a situação que temos de encarar e conhecer se é irredutivel. Dissequemo-la.

Um official comanda simultaneamente duas e tres companhias; em cada companhia ha um sargento que responde e uns

tantos cabos; o serviço exterior afasta do quartel durante o dia (24 horas) esse official, o proprio sargento que responde, e com respeito aos cabos essa ausencia é normal. O serviço interior, com a administração da companhia absorve todo o tempo do official e dos sargentos. Diversas circumstancias obrigam a fluctuar o comando das companhias por varios officiais, dando logar a que esse comando se exerça apenas por dias, um official hoje, outro amanhã; e com os sargentos que respondem succede o mesmo. O comandante do batalhão passa dias sem poder comunicar com as companhias, porque não estão no quartel nem os seus comandantes, nem os seus sargentos.

Nestas condições, que são um facto, o que se pode fazer a bem da instrução e da educação?

Nada, simplesmente nada.

Deve-se deixar permanecer esta situação?

Por forma alguma. Em tal caso ha só um caminho a seguir — reduzir temporariamente as companhias ao numero proporcional aos graduados disponiveis. Não ha outra solução.

Mas, alguma coisa nos parece que se pode fazer, para atacar as causas que conduzem áquele extremo.

O desvio dos quartéis dos officiais e sargentos que restam, é consequencia de um serviço que não é o proprio do exercito, como guardas, destacamentos, diligencias, policiamento de ruas, etc.

Esses serviços só muito excepcionalmente devem ser pedidos ao exercito e sempre que o sejam deve ser por curtos dias; quando circumstancias se produzam que os prolonguem, dever-se-ha providenciar immediatamente para deles libertar o exercito, sob pena de acarretar para o exercito a situação que estamos discutindo. Dadas as circumstancias que originem um prolongamento excessivo desses serviços, como succede ha uma longa temporada, as medidas a adoptar devem incidir sobre a Guarda Republicana, que é a quem cumpre desempenha-los. Se essa Guarda, no seu efectivo normal, não chega para os satisfazer, seja reforçada, extraordinariamente, por medidas extraordinarias, as quais poderão ser fornecendo cada unidade do exercito um certo numero de praças escolhidas, já por uma mais adiantada instrução, já por um comportamento mais recomendavel.

Estes contingentes de emprestimo á Guarda Republicana, que poderiam mesmo ser acompanhados por alguns cabos, re-

ceberiam nesse corpo, nas folgas, uma instrução propria do serviço extraordinario a que eram chamados, e as praças que os constituíssem seriam as unicas privadas da sequencia da instrução propria do exercito, deixando que as praças que ficaram nos corpos continuassem a sua instrução, em vez de serem abandonadas, porque continuariam presentes os seus graduados.

E' claro que partimos da hipotese que á Guarda Republicana só faltam cabos e soldados e por consequencia só com cabos e soldados se reforçariam. Mas, mesmo que um ou outro official e sargento alguma unidade fornecesse, é ainda assim este processo preferivel ao que se está seguindo ha já tanto tempo e com que se desviam um muito maior numero de officiais e sargentos, como, por exemplo, no caso de policiamento das ruas, em que diariamente se tem de constituir os diferentes nucleos devidamente comandados, enquanto que na Guarda Republicana esses nucleos já existem, e aproveitando-os, engrossando-os com cabos e soldados, teremos uma grande economia de graduados.

E' preciso sobretudo não olvidar que tanto para os officiais como para os sargentos do exercito, a sua missão principal, unica que os deverá preocupar e para a qual carecem de uma preparação constante, é incompativel com a missão a que se destina a Guarda Republicana. O exercicio d'uma importa o sacrificio da outra. Os graduados da Guarda podem absorver todo o seu tempo no serviço de segurança e policia, e fazendo-o fazem tudo a que são obrigados, sem inconveniente para o país. Os graduados do exercito de campanha, não podem desempenhar o serviço para que existe a Guarda Republicana sem inconveniente para a nação.

A medida que alvitramos, que se nos afigura exequível, trará os beneficios seguintes: — limita a um reduzido numero o mal que actualmente se estende a todos de se tolher a instrução; mantém mesmo nesse numero reduzido os laços de disciplina existentes; importa melhoria para o serviço de segurança e policia, por ser prestado por um pessoal melhor habilitado (uma vez que se aproveitem as folgas como indicamos), e até, sob o ponto de vista da especialidade, melhor comandado.

Não entendemos que devâmos discorrer sobre o lado economico da questão. Nem se quer pensamos se ao pessoal chamado assim a cooperar com a Guarda Republicana, a dentro

dela, se deve ou não conceder uma gratificação, visto que as praças dessa Guarda tem vencimentos superiores ao das praças do exercito. Esse aspecto da questão julgamo-lo muito secundario ante a importancia que reveste a necessidade que ha de acabar, ou pelo menos atenuar as causas da situação a que está reduzido o exercito, que tanto dinheiro custa. Essa necessidade sobreleva a todas as considerações.

O que se torna necessario é que superiormente haja sempre a preocupação de que o exercito não existe para fazer o serviço a que se destina a Guarda Republicana. Havendo essa preocupação, e não se pode legitimamente contestar que ela deve dominar em absoluto todas as circunstancias, muito mal se evitará. O grande defeito vem-nos da facilidade extrema com que se lança mão do exercito a proposito da cousa mas insignificante, sem olhar ao sacrificio que assim se faz da instrução.

E por hoje fiquemos por aqui, que este artigo já vae longo.
Janeiro de 1918

MELO E ATHAYDE



O COMBATE DE 24 DE JUNHO DE 1828

NA

CRUZ DOS MOROUÇOS

(Continuado de pag. 235)

Pela 1 hora da madrugada, um ajudante fôra chamar o coronel Vasconcelos e, em nome da Junta, pediu-lhe que, «pelo amor de Deus fôsse tomar o comando do exército», mas êste não esteve para se encomodar e alegou estar doente¹ de modo que o exército lá no alto dos montes continuou na mesma.

E assim, depois duma noite passada nas posições, os dois exércitos, ao amanhecer do dia 25, encontráram-se na mesma situação, em frente um do outro—à mesma hora que a delegação da Junta, em Coimbra, abandonava o Paço episcopal para se recolher no palácio da Inquisição, mais em caminho para seguirem para o norte...²

Saraiva Refoios por lá andou, desde manhã até à noite³; viu então melhor a fraqueza da linha defensiva motivada pela sua enorme extensão⁴; com o coronel Vasconcelos que foi

¹ O ajudante era o capitão de cavalaria 12, Albino Pimenta de Aguiar, e a doença do coronel, pelo menos a que êle alegava, era um ataque de hemorroidal... (*Lembranças* cit. pag. 9). Conta este oficial que de novo voltou a instar com o coronel e que visto não poder montar a cavalo, que fôsse a pé, mas o coronel não se comoveu.

² *Lembranças* cit., pag. 9. Comentava um miguelista, numa carta (na *Gazeta de Lisboa*, n.º 162, de 10 de julho): «que pena que esta (a Inquisição) não estivesse em estado próprio para os receber!»

³ Assim se conclui do que diz a *Apologia* cit. a pag. 11.

⁴ A carta cit. de Bernardo de Sá nos *Esclarecimentos*, assim o refere claramente.

convidado para ir ao campo e que então aceitou o convite, andou remediando algumas faltas¹; e, como homem inteligente e culto, vendo bem que as vantagens da véspera lhes deram incontestável superioridade, dispôs as cousas de modo que, pela madrugada seguinte, se iniciasse um ataque às posições rialistas².

De resto, as tropas continuavam à vista, e nalguns pontos, como na esquerda dos liberais, bem perto umas das outras³: sómente da coluna que estava já a leste de Formoselha, nas alturas de Pereira, um esquadrão de cavalaria atravessou o Mondego e começou a fazer manobras «como em repto» diante das forças liberais que estavam em Tentugal, sobre uma eminência, e por fim retirou sem se têr disparado um tiro⁴.

E mais nada...

O dia 25 passou-se assim, tranquilamente, sem que o so-

¹ Não sei se o coronel foi a pé ou se sempre conseguiu montar a cavalo. O que se vê pela *Apologia* é que, uma vês no campo, encontrou logo razões para censuras e defeitos. Refere êle, que entre o Moínho de vento (Δ 177) e o alto de S.^{ta} Luzia (cota 205) que é, na verdade, um espaço grande (cêrca de 2 quilómetros) não havia tropa alguma, de modo que, com autorização do brigadeiro Saraiva, dispôs algumas praças de cavalaria para estabelecer a ligação necessária.

² Assim se dedúz das cartas juntas aos *Esclarecimentos* cit. em que, não só um oficial, o coronel Antonio José Joaquim de Miranda, diz ter levado ordens nêsse sentido a Schwalback e à margem direita (doc.^o n.^o 1), mas também Antonio Luis de Seabra afirma ter recebido ordens nêsse sentido (doc.^o n.^o 2). O próprio Saraiva o afirma, evocando para testemunhas o major Bernardo de Sá e o seu chefe do estado-maior, Sá Camêlo.

³ Á tarde, diz a tal carta «de pessoa inteligente e fidedigna» que da cidade se avistavam vedêtas da cavalaria rialista nas alturas de S. Jorge e alguma infantaria; e acrescenta: «nêsse monte estavam corpos de infantaria tripeira e viam-se uns aos outros...»

⁴ Parece que se cifra nisto o tal prometido flanqueamento dos liberais pelo vâle do Mondego. As ordens da divisão da vanguarda de 18 de Julho e a da 1.^a brigada, dêste mesmo dia, dizem que êsse movimento se daria, e têm a certeza de que, a dar-se, seria uma manobra fatal para os adversários. Afinal tudo se resume no *repto* do esquadrão, facto que nos é contado pelo visconde de Seabra, numa carta dirigida a Joaquim Martins de Carvalho e que veiu no n.^o 3:639 do *Conimbricense*. O movimento seria, na verdade, duma evidente eficácia; mas para que êle dêsse os resultados que se queria, era necessário pelo menos que... se executasse.

cêgo daquêle vále coberto de olivêdos fôsse perturbado por uma detonação¹.

Do lado dos rialistas, por muito que falem as ordens do dia dos generais e brigadeiros, parece que dominava a expectativa. O combate da vespera não fôra, evidentemente, propicio como contávam; de modo que naquêle dia mantiveram-se a olhar para o inimigo e não tentáram qualquer movimento ofensivo ou mesmo alguma manobra demonstrativa — apesar de, em Coimbra, se têr como certo que o flanqueamento dos liberais era inevitável e fatal².

E ao anoitecer, Saraiva Refoios desceu à cidade, deixando as tropas no mesmo sitio, mas convencido de que, na madrugada seguinte, repararia as suas faltas anteriores, iniciando ele o ataque, fortalecido moralmente pela bravura com que as suas tropas se defenderam na vespera.

Da posição dos Morouços, como posição mais forte, partiria o ataque; a sua direita, reforçada com as tropas de observação em Tentugal e que se uniria ás tropas do centro, dariam um valioso apoio ao movimento; a esquerda, atacando com rapidez e obtendo as posições dominantes à sua frente, colocaria o exercito rialista numa evídente inferioridade de que talvez se não saísse facilmente.

Este era o plano; e manda a justiça que se diga que, acerca dele, os escritores que sobre os factos escreveram, guardaram o mais parcial dos silencios³.

¹ O *Imparcial*, do Porto, no seu n.º 57, de 26 de junho, diz erradamente que nêste dia houve novo ataque dos rialistas às posições liberais. A «notícia» manuscrita àcêrca de caçadores 10, diz até que o dia 25 foi passado em completo reponso e põe adiante 3 pontos de admiração — o que não deixa de ser judicioso...

² A tal carta de pessoa «inteligente e fidedigna» afirma que se contava como certo o tal general Vahia, que andava na direita dos rialistas, atravessasse o rio na barca da Portela e a coluna do campo cair sôbre a frente de Aguas de Maia apertando, nêste forte anplexo, o pobre exercito liberal. Foram, porém, cálculos...

³ Estas indicações são dadas pelo folheto de Saraiva, *Esclarecimentos sobre alguns factos*, onde expõe claramente as suas tenções, e, como já disse acima, evoca o testemunho de Bernardo de Sá e de Sá Camelo. Comprovam estas afirmações os já citados documentos n.ºs 1 e 2 do folheto e ainda mais uma carta do capitão Antonio José dos Santos que já aqui citei (e que vem no n.º 3638 do *Conimbricense*) na qual se diz: «Tambem não ha duvida que

Mas, nem tudo corresponde aos desejos. Saraiva Refoios, ao chegar a Coimbra, tinha o convite feito para um conselho militar, com a delegação da Junta. E a vitória iria ser dada aos rialistas, não pelo seu proprio esforço, mas pelos vencedores da vespera.

Á noite, o conselho militar reuniu-se¹ e para ele foi convidado o coronel Jeronimo Pereira de Vasconcelos².

a Divisão estava prevenida para atacar o inimigo no dia 26 porque todas as disposições se tinham tomado para esse fim».

É curioso notar que estes factos não são citados pelos livros em que geralmente todos se fundam quando querem fazer referencias a esta epoca. Verdade seja que Maia, nas *Memorias* (pag. 61-62) dizendo que todos os officiaes queriam avançar menos o coronel Vasconcelos, implicitamente diz que Saraiva tambem era dessa opinião; mas Soriano que o segue quasi a par e passo, e Pinheiro Chagas que deste último tirou os principais elementos, ao falar dos factos, não se referem, de léve sequér, ao plano de Saraiva e muito menos fazem referencias pelas quais se conclua, embora indirectamente, o referido plano. Soriano que se indignou constantemente contra Saraiva (*Hist. da guerra civil*, tomo cit. cap. IV) não admira muito; mas P. Chagas que lhe censura o máu humôr habitual (*Hist. de Portug.* t. cit.º pag. 351) deixa-se neste comenos repassar do mesmo máu humôr. Que diabo! que mal nos fez o brigadeiro?

E depois, é facil calcular: a *Historia* de Soriano é a obra a que todos se vão acostar para dizer qualquer cousa acerca da época; e assim, perante este silencio, fica-se julgando mal dum homem que teve a fraqueza de se deixar levar pelos officios da Junta mas cujas intenções eram honestas. Ele proprio diz no folheto citado, com um certo tom de sinceridade, referindo-se à sua tenção de não vir a publico com estes acontecimentos: «...estou contudo certo que o historiador, tendo rigoroso dever de averiguar imparcialmente os factos e a sua origem e circunstancias, me fará justiça que é devida à pureza da minha consciencia, etc.». Estas palavras dão a impressão de que são sinceras e tem um cunho de honradez que aliás nenhum dos contemporaneos lhe nega. Modernamente, porem, com certa leviandade repetem-se frases e juízos sem a menor verificação, dando lugar a que os acontecimentos sejam completamente deturpados.

¹ Não sei onde se reuniria o conselho, mas poderia ser, ou na Inquisição onde estava a Delegação da Junta ou no mosteiro de St.ª Cruz onde estava o quartel-general.

² Assistiram os comandantes dos corpos (Maia: *Memorias*, pag. 61) e o major Bernardo de Sá (apud carta cit. nos *Esclarecimentos*).

Discutiui-se e parece que acaloradamente, o que se poderia e deveria fazer, em face das circunstancias; e de certo que Saraiva Refoios teria exposto o seu plano de ataque que a essa hora deveria ter começado a executar-se pela concentração das tropas sobre o centro¹.

Já atrás disse qual ele era e com ele concordáram todos os comandantes dos corpos; a delegação, porem, mastigava e inclinava-se a uma retirada sobre o Douro no que tinha o apoio do coronel Vasconcelos. Os votos dividiram-se para dois campos sómente: a retirada ou o ataque.

E é interessante reparar que Saraiva Refoios que tão acusado tem sido, sustentou que se devia avançar sobre e Lisboa nunca fazer uma retirada que seria desastrosa².

A delegação, porem, quasi infantilmente receosa, aceitava simplesmente o voto do coronel Vasconcelos «por um prestigio incompreensível»³.

Bernardo de Sá ainda aventou a idea de que as tropas todas em Coimbra, valendo-se das fortificações já levantadas, poderiam resistir o tempo suficiente para que viesse o auxilio

¹ Di-lo claramente Bernardo de Sá na cit. carta dos *Esclarecimentos*.

² Torno a insistir: o plano de Saraiva era conhecido pelo major Bernardo de Sá que o não desmente na carta supra cit.; o coronel Antonio José Joaquim de Miranda até diz que as primeiras ordens dadas para as tropas da direita, foram dadas mais ou menos em segredo (doc.º n.º 1 dos *Esclarecimentos*) e os signatários dos outros documentos afirmam cousas idênticas. Pizarro nas *Observações* cit. diz: «É esta fracção da Junta e particularmente os militares dela que nos devem dar os motivos de retirada de Moroços e do abandono de Coimbra...» (pag. 10); pois só Vasconcelos que não pôz o pé no campo, que nunca tomou o comando da brigada ligeira, que exigiu que o fossem buscar a Verride como preso, para parecer constrangido segundo afirma até o proprio Sá da Bandeira (que não mentia), só Vasconcelos, dizia, é que vem dizer que o brigadeiro Saraiva era de opinião que se retirasse!

A attitude deste coronel Vasconcelos é uma attitude muito especial que, de resto, é de todos os tempos e que o torna pouco simpatico — causando até admiração (como observou depois o *Português emigrado* no n.º 2 de 14 de outubro) o facto de a Junta e o brigadeiro Saraiva não lhe terem retirado a confiança perante um proceder tão dubio. Afinal, o coronel, querendo equilibrar-se naquele máu balanço, não conseguiu contentar nem um nem outro.

A historia, no fim de contas, repête-se a cada passo.

³ Maia: *Memorias* cit. pag. 62.

de mais tropas do Porto e de Almeida¹; mas a Junta estava renitente e a discussão continuava.

Nisto, e estou a ver que teatralmente, entrou na sala onde se reunia o conselho o alferes de cavalaria 10, Narciso de Sá Nogueira e disse de certo que ofegante da galopada:

—Sr. general! O tenente-coronel Schwalback manda participar a V. Ex.^a que agora mesmo acaba de passar o rio, para o campo, uma coluna inimiga²!

É claro que o feito desta noticia devia ter sido fulminante, já não digo nos comandantes dos corpos mas na delegação da Junta. A retirada, então, foi resolvida e de nada valeram as opiniões de tantos oficiais.

A delegação ordenou definitivamente a retirada³ enviando participações para todos os lados, enquanto Bernardo de Sá e um outro oficial iam observar os movimentos dessa suposta coluna rialista que atravessára o rio⁴.

A vitoria ia assim cair sem custo na mão dos adversários que, a essa hora, talvez ainda estivessem exitantes acerca do que deveriam fazer no dia seguinte.

¹ Carta cit., nos *Esclarecimentos*.

² Esta frase vem na *Apologia*, pag. 19-20. Se foram estes os termos precisos, não sei; o que sei é que todos os contemporaneos concordam com o facto, mais palavra menos palavra.

³ A opinião de que foi a delegação quem ordenou a retirada, é unanime. Não vi divergencias. Até por exemplo, a obra *Os papeis de meu pai* (t. pag. 34) que é sempre tão laconica em muitas cousas e omissa noutras, diz que a retirada foi «por decisão da Junta». O *Conimbricense*, n.º 5185 diz que a ordem partiu do quartel-general, mas é conveniente frisar que este facto não quiere dizer que ela partisse do comandante chefe, pois que este ordenava em nome da Junta que por sua vez o fazia em nome do Rei.

⁴ Apud carta cit. do visconde de Sá da Bandeira. O outro official era o coronel de cavalaria João Napomuceno de Macedo que depois foi barão de S. Cosme. Os dois viram, afinal, que era uma manada de gado que atravessára o rio segundó a referida carta. Soriano não concorda, fundado no facto de estar em Formoseiha e Pereira uma coluna rialista (*Hist. da guerra civil*, t. cit. pag. 378, nota 1) e diz que deveria ter havido qualquer cousa, principalmente por Povoas, no officio de 26 de junho, dizer que houve movimento sobre Tentugal. Ora Soriano devia saber que nenhuma força atravessou, até 25, o Mondego, a não ser a força que se postou em frente de Tentugal «como em repto» a que me referi anteriormente; devia reparar que as proprias ordens de divisão e brigada cit.^{as} na mesma nota, se referem apenas a um projectado movimento e nada mais; e devia reparar que a forma de dizer «mo-

A debandada começou cerca da meia-noite, pelo centro da linha de defesa ¹, e naturalmente por ter sido o ponto onde mais cedo chegou a ordem de retirar.

Seguidamente, os corpos começaram a atravessar a cidade, em boa ordem, talvez ², mas surdamente, precipitadamente, como quem levava a consciência pouco tranquila ³.

Depois, durante o resto da noite, desceram os corpos da esquerda e, parece que por fim, chegaram os corpos que Schwalback comandava.

Os de Tentugal seguiram logo directamente para os Fornos, para apanhar a estrada do Porto ⁴. Os de Schwalback, porém, ficaram até romper a madrugada, na cidade, talvez com a intenção de guardar a retaguarda da coluna, ⁵ à frente da

vimento sobre Tentugal» do officio referido, não quer dizer que o movimento se tivesse executado na margem direita do rio, mas sim que levava aquela direcção. Eu não vejo pois motivo para aquella argumentação—embora não concorde absolutamente com a opinião de que era uma manada de gado o suposto inimigo. Será natural que à noite, entre forças inimigas, algum lavrador fizesse atravessar uma manada dum campo para o outro?

¹ Di-lo a carta cit. do capitão Antonio José dos Santos (*Conimbricense*, n.º 3638).

² Di-lo Saraiva nos *Esclarecimentos* e Sá da Bandeira na carta do mesmo folheto. Elucida êste que as ordens para a retirada foram dadas de forma que se executassem com harmonia os movimentos dos corpos e, especialmente, de certo, a sua passagem pela ponte. É claro que os rialistas dizem que os liberais retiraram em desordem, como Sousa Monteiro (*Hist. cit.* iv, pag. 11) etc.; mas mesmo alguns liberais, dizem cousa idêntica, como por exemplo Pizarro, nas *Observações* cit. que diz que a retirada foi feita «com uma precipitação e desordem de que há poucos exemplos...» e Maia que afirma (*Memórias*, pag. 63) que a retirada era quasi uma debandada; e até há pouco o sr. Marques Gomes escreveu que «a retirada assemelhou-se a uma desordenada fuga...» (*Lutas caseiras*, a pag. cvii). Nêste lance, Oliveira Martins diz que o exército retirava em boa ordem. (*Portug. Contemp.* 1, pag. 109).

³ A tal carta de pessoa «inteligente e fidedigna» diz que iam «em marcha tão surda que alguns que passavam por debaixo das minhas janelas mal se sentiam». (*Gazeta de Lisboa*, n.º 161, de 9 de junho).

⁴ A Tentugal foi o capitão de cavalaria Simão da Costa Pessoa com a ordem de retirar (*Esclarecimentos*, doc. n.º 1). Neste documento, diz-se que deveria ser cousa de 1 hora da manhã, ao passo que a carta de António Luis de Seabra (doc. n.º 2 dos *Esclarecimentos*) diz que seriam 11 horas,

⁵ Carta de Sá da Bandeira, nos *Esclarecimentos*.

qual, aos solavancos, bamboleantes, iam as carruagens dos membros da delegação ¹.

Com o romper do dia, o futuro visconde de Setubal, retirou também; ² e em Coimbra apenas ficou o valoroso Bernardo de Sá, com uma ordenança, esperando os retardatários, mandando avisar autoridades ³, providenciando com energia e acêrto, fazendo emfim o que humanamente lhe era possível fazer para que aquela desgraçada retirada não fôsse um verdadeiro desastre irremediavel.

Fez marchar 500 a 600 milicianos e voluntários que andavam dispersos; fez seguir os feridos, reuniu os piquetes que vinham dos postos avançados ⁴; e depois de ver que nenhuma força ficava para trás, formou com parte desta gente que reuniu uma guarda da retaguarda, e abandonou a cidade ⁵.

«Lá vão pois esses Janisaros pela estrada do Porto...» ⁶ enquanto que na cidade, a população liberal, espavorida com o abandono, confiante ainda há bem pouco, tratava de se precaver contra as represálias, fugindo, escondendo-se, disfarçando-se.

¹ Maia, *Memórias*, pag. 63.

² Carta de Sá de Bandeira nos *Esclarecimentos*.

³ Diz Soriano na *Vida do marquês*, 1, pag. 147 e na *Hist. da guerra civil*, t. cit. pag. 381, nota, que Bernardo de Sá preveniu à pressa, por um bilhete, o vice-reitor da Universidade Joaquim Maria de Andrade e o secretário da mesma Vicente José de Vasconcelos e Silva, da retirada que se effectuava e a isto deve o primeiro o não ter sido preso, o que não aconteceu ao segundo que conforme o *Conimbricense*, n.º 5.171 e 5.312, foi o primeiro preso liberal da cidade, por ordem do célebre José Gaudêncio Torres.

⁴ Estes esclarecimentos dá o próprio Sá Nogueira na cit. carta dos *Esclarecimentos*. Soriano, na *Hist. da guerra civil* (t. cit. pag. 379) e na *Vida do marquês* (pag. 147-48) diz que seriam 800 homens os que estas fracções teriam, o que talvez seja exagerado. É conveniente notar que nalgumas obras se diz, como nas *Lembranças* de Pimenta de Aguiar (a pag. 9) que a retirada foi tão precipitada que muitos piquetes e mesmo alguns corpos não foram avisados; isto, porém, não devia ter sido bem assim pois que os corpos foram todos avisados e somente os postos avançados, ou quaisquer patrulhas de exploração, o não foram e por isso Bernardo de Sá ficou em Coimbra para reunir esses retardatários que não chegaram a tempo de se reunir às respectivas unidades.

⁵ Carta cit. de Bernardo de Sá, nos *Esclarecimentos*.

⁶ É frase da carta de «pessoa inteligente e fidedigna». Pobres janizaros eles eram, os liberaes!

E lá em cima, nas alturas que dominam o rio, os miguelistas espantados, foram avançando, cautelosamente, como não querendo acreditar na vitória que tão facilmente lhes caía nas mãos.

Explorando, a divisão da vanguarda seguiu a estrada rial; a 3.^a divisão desceu pela estrada velha que vem ter a S. Jorge¹; pela frente não apareciam inimigos; e já perto de St.^a Clara, em vez de serem recebidos a tiro como na antevéspera, foram recebidos festivamente, entusiasticamente, pelo povileu rialista que quase os recebeu em triunfo, como quem recebe um libertador².

O exército começou a entrar na cidade — e assim começou um período de violências, desde os assaltos a estabelecimentos e casas particulares,³ até às prisões que foram muitas⁴. Logo em Santa Clara devastaram duas casas de liberais⁵ e a estas selvagerias se seguiram outras que obrigaram Povoas a reprimi-las com severidade⁶.

Como não havia notícias do inimigo, Povoas mandou reconhecer a sua retirada e ainda nesse dia 26, teve conhecimento de que a retaguarda do exército liberal estava na Mealhada⁷. E entretanto, os realistas, foram fazendo na Câmara Municipal o auto de juramento de fidelidade ao senhor Infante

¹ Diz Joaquim José de Queiroz, nos *Esclarecimentos* (doc. n.º 6) que eles não avançaram sem terem a certeza de que não havia perigo. Sá Nogueira, no mesmo folheto diz que o inimigo os seguia lentamente.

² Sousa Monteiro (*Hist.* cit. iv, pag. 11) diz que foram recebidos com o maior regosijo pela população. Este termo de população, para miguelista, é um pouco depreciativo mas deve ser exacto. De resto, todos concordam em que a chegada do exército de Povoas foi um alegrão para os realistas e que eles manifestaram ruidosamente.

³ No *Conimbricense* encontram-se notícias circunstanciadas destes factos, como nos n.ºs 5.086, 5.184, 5.312. Já quatro dias antes, em 22, em Penela, a devastação foi bárbara, com a agravante de ter sido provocada por uma questão de ódios pessoais (*Noticias de Penela*, pag. 179-180).

⁴ Acêrca das prisões é interessante ver o que diz o n.º 5.171 do *Conimbricense* que a tal respeito dá esclarecimentos de importância.

⁵ Eram as dos comerciantes Francisco Lopes Guimarães e José Vitorino Damásio (*Conimbricense*, n.ºs 5.086, 3.742, etc.).

⁶ Diz o *Conimbricense* (no n.º 3.742 e noutros) que Povoas, ao saber do sucedido, mandou tocar a reunir e fez sair logo da cidade os regimentos.

⁷ Ofício cit. de Povoas de 26 de junho.

D. Miguel «muito espontaneamente e com a maior efusão de coração»¹ e que foi assinado por 241 indivíduos, na maioria eclesiásticos, revogando assim solenemente todos os juramentos contrários que antes «violentamente e só compelidos pela força tinham feito...»².

E no dia seguinte, 27, Povoas lá foi, a caminho do Porto, lentamente, tateando sempre o terreno, parece que com vontade de evitar um encontro importante; e assim Coimbra ficou livre de tropas, passando a anima-la sòmente as diligências dos esbirros e as buscas por dá cá aquela palha.

Na semana seguinte, a Rainha Santa recebia na igreja de Santa Cruz, os agradecimentos dos fervorosos rialistas por ter sido ela, certamente, quem fez pender a sorte das armas para a legitimidade do Infante;³ e como já iam muito longe os ecos da trovoada guerreira que passou sòbre a cidade, tudo voltou à mesma e eu dou por findo êste trabalho.

Coimbra, 30 de janeiro de 1913.

BELISÁRIO PIMENTA
Capitão

¹ São palavras do auto que está no livro *Vereações n.º 68, 1828-1830* do arquivo da Câmara de Coimbra e compreende as fol. 12 v.º até fol. 17 v.º

² É a comédia muito conhecida e infelizmente sempre repetida.

³ A vereação de Coimbra, na sua sessão de 3 de julho, resolveu que no dia seguinte, em Santa Cruz, se celebrasse um *Te-Deum* em acção de graças, fazendo na acta referências à intervenção da Rainha Santa. (Livro cit. das *Vereações*).

Corpo de exército expedicionario português

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos desde 9 a 15 do corrente mês: por ferimentos em combate:

Regimento de infantaria n.º 4:

Soldado n.º 477, da 11.ª companhia, Joaquim Rodrigues Cabóz.

Regimento de infantaria n.º 11:

Soldado n.º 354 da 9.ª companhia, Manuel Marcos.

» » 362 » » » António Joaquim Borralho.

» » 387 » » » José Manuel Fona.

» » 450 » » » António Maria Grego.

Regimento de infantaria n.º 12:

Soldado n.º 207 da 3.ª companhia, David Bernardo.

Regimento de infantaria n.º 13:

Soldado n.º 105 da 4.ª companhia, António de Macedo.

Regimento de infantaria n.º 18:

Soldado n.º 43 da 2.ª companhia, João José Ferreira.

Mortos desde 16 a 22 de Dezembro p. p., por ferimentos em combate:

Regimento de infantaria n.º 2:

Soldado n.º 130 da 3.ª companhia, Anacléto Diogo Martins.

» » 613 » » » Manuel Caniço.

Regimento de infantaria n.º 5:

Segundo sargento espingardeiro n.º 1:112 da 1.ª companhia, Aurélio Ferreira.

Soldado n.º 662 da 1.ª companhia, João do Coito.

» » 722 » 4.ª » Francisco dos Santos.

Regimento de infantaria n. 10 :

Soldado n.º 95 da 3.ª companhia, João Coração de Jesus Nogueira.
 " " 367 " " " Manuel do Nascimento.
 Primeiro cabo n.º 417 da 3.ª companhia, Manuel dos Anjos Rodrigues.
 Soldado n.º 429 da 3.ª companhia, Francisco João Pires.
 " " 440 " " " Manuel Agostinho.

Regimento de infantaria n.º 11 :

Soldado n.º 316 da 10.ª companhia, Manuel João Gomes.
 " " 713 " " " Adelino Francisco Fortunato.

Regimento de infantaria n.º 13 :

Soldado n.º 252 da 3.ª companhia, José Luís.

Regimento de infantaria n.º 17 :

Soldado n.º 600 da 9.ª companhia, José
 " " 222 " 12.ª " José Manuel.

Regimento de infantaria n.º 20 :

Soldado n.º 603 da 2.ª companhia, António Joaquim Vieira.

Regimento de infantaria n.º 21 :

Soldado n.º 546 da 1.ª companhia, Manuel Guardado.
 " " 637 " " " José dos Santos Lopes.
 " " 549 " 4.ª " João José Coelho.

Regimento de infantaria n.º 22 :

Soldado n.º 429 da 2.ª companhia, Augusto Ferreira do Espírito Santo.

Regimento de infantaria n.º 32 :

Soldado n.º 162 da 3.ª companhia, José Teixeira de Magalhães.

Por desastre em serviço :

Regimento de infantaria n.º 16 :

Soldado n.º 702 da 2.ª companhia, Américo França.

Mortos : De 23 a 29 do mês findo : por ferimentos em combate :

Regimento de infantaria n.º 16 :

Alferes, Joaquim da Silva Feliz.

Regimento de infantaria n.º 3 :

Segundo sargento n.º 309 da 3.ª companhia, Rodrigo António Pinto.
 Soldado n.º 231 da 3.ª companhia, José Pires Moreira.

Regimento de infantaria n.º 5:

Soldado n.º 432 da 4.ª companhia, Manuel Coelho.

Regimento de infantaria n.º 21:

Soldado n.º 378 da 2.ª companhia, Alvaro Lourenço.

Regimento de infantaria n. 22:

Primeiro cabo n.º 587 da 3.ª companhia, José Martins Moreira.

Por desastre em serviço:

Regimento de infantaria n.º 5:

Soldado n.º 408 da 2.ª companhia, João Soares.

» » 722 » 3.ª » Francisco Rodrigues.

Mortos: desde 30 do mês findo a 5 do corrente mês: por ferimentos em combate:

Regimento de infantaria n.º 5:

Segundo sargento n.º 255 da 2.ª companhia, José Bernardes Junior.

Regimento de infantaria n.º 6:

Soldado n.º 477 da 2.ª companhia, Camilo Alves do Pinho.

Regimento de infantaria n.º 7:

Segundo sargento n.º 460 da 1.ª companhia, Manuel João Luís Salgueiro.

Soldado n.º 467 da 4.ª companhia, José Coelho.

Regimento de infantaria n.º 8:

Soldado n.º 206 da 4.ª companhia, João Gomes.

» » 335 » » Bernardino José Antunes.

Regimento de infantaria n.º 10:

Soldado n.º 363 da 4.ª companhia, Alfredo Augusto Nogueira.

» » 412 » » Veríssimo de Jesus Pires.

Regimento de infantaria n.º 17:

Soldado n.º 566 da 9.ª companhia, José Fernandes.

Regimento de infantaria n.º 18:

Soldado n.º 646 da 4.ª companhia, José da Silva Santos.

Regimento de infantaria n.º 21:

Primeiro cabo n.º 430 da 6.ª companhia, Joaquim Matias.

Regimento de infantaria n.º 22:

Soldado n.º 206 da 9.ª companhia, José Antonio Moita.

Regimento de infantaria n.º 34:

Soldado n.º 521 da 1.ª companhia, Duarte da Silva.

Por desastre em serviço:

Escola de equitação:

Soldado n.º 125 do 1.º esquadrão, Augusto Gomes.

(Continúa).

Estados-Unidos



CRÓNICA MILITAR

Estados-Unidos

Photographia aerea ; camaras photographicas — A photographia aerea, que tem desempenhado um papel importante nos trabalhos de reconhecimento nas frentes da guerra europeia, está alcançando rapidos progressos nos corpos aviadores dos Estados Unidos.

Não resta duvida que os fabricantes de camaras photographicas estão-se dedicando com interesse e zelo a esse ramo da industria.

A camara mais recentemente empregada na Escola de aviação para os corpos de signaleiros de North Island, San Diego, Cal, é incommoda quando disposta sobre a *fusilage* de um aeroplano correndo 15 milhas por hora com a pressão correspondente do vento. No entanto, ella tem comprovado a sua utilidade, a julgar pelas excellentes photographias tomadas em San Diego a alturas que vão de 300 pés a uma milha.

A camara é provida de miras de rifles de *Spingfield*, operando por meio de um gatilho. Possui uma lente telescópica de duas polegadas de foco. A altura de duas milhas, a camara pôde photographar uma milha quadrada de terreno. Com a camara usa-se de um *chassis* que contem 12 chapas photographicas ; em vez de chapas podia-se usar rolos de peliculas. Por um movimento produzido com o gatilho, as chapas novas são dispostas em posição de tomar a photographia ; quando se trata de rolos de peliculas o mesmo movimento faz deslizar a pelicula.

Tambem tem sido experimentado na mesma Escola de North Island, com relativo exito, um *telephoto*, pequeno aparelho photographico muito usado nos corpos de aviação allemães.

As autoridades aereonautas julgam conveniente fazer um pequeno orificio no fundo da *fusilage* do aeroplano de reconhecimento, afim do observador poder focar a camara directamente até o ponto donde se deseje obter a photographia. Este dispositivo evitará o perigo da camara deslizar, escorregar das mãos do photographo, incidente muito commum quando a camara é collocada na *fusilage* do aeroplano.

(Do *Scientific American*).

Foguetes incendiarios contra balões captivos — Entre muitas coisas e novidades, que a presente guerra europeia nos tem ensinado, sobresa e a importancia de impedir a observação aerea realisada pela aviação, antes de travar-se qualquer acção, pois os methodos de surpresa são hoje quasi irrealizaveis.

O exercito dos Estados Unidos, após serias experiencias para contra-ata-

car os balões captivos, acaba de descobrir um aparelho que deu os melhores resultados nos campos de aviação de Minada. Esse aparelho consiste n'um tubo de latão de uns quatro pés de largura, aberto em um dos extremos, tendo um embolo no outro.

No interior do tubo colloca-se um foguete incendiario especial, cuja mecha está presa a um circuito electrico; a mecha incendeia-se electricamente, desde que se cumpra um botão existente no piso do aeroplano. O tubo é fixo, e por isso, antes de lançar o foguete torna-se necessario que o aviador dirija a sua machina até a collocar em linha de tiro com o botão captivo.

Este processo é muito semelhante ao da pontaria das metralhadoras fixas nos aeroplanos de combate de um só assento, usados pelos allemães e francezes na *frente occidental*.

Romania

O tifo exantematico no exercito—Em uma reunião havida no Circulo militar, sob a presidencia do Dr. Cantacucene, director geral do serviço de saude, entre as communicações lidas, apresenta especial interesse a do Dr. Theodoro, relativa ao «tratamento eficaz do tifo exantematico».

Na sua qualidade de medico da Escola militar de Botaskani, teve occasião de tratar numerosos casos, nos quaes obteve resultados maravilhosos empregando o *colamulanos*, como base do tratamento, acerca do qual apresentou uma extensa memoria no Ministerio da Guerra.

N'ella diz o seguinte, como parte essencial:

«Não temos tido caso algum mortal; nenhuma complicação se tem observado; não se assignalou nenhuma debilidade do coração; a lingua, embora suja, tem-se mantido sempre humida, e nunca tomou a cor negra. A duração da doença diminuiu, reduzindo-se a 6 ou 8 dias, depois do que o doente entrou em convalescença».

O tratamento preconisado pelo referido doutor, é como se segue:

•*Primeiro dia*—O doente toma um purgante salino (sulfato de magnesia), e depois de ter operado a sua acção, toma tres hostias de aspirina, de meia em meia hora, com chá muito quente. Em seguida deve submeter-se a uma massagem inergica de todo o corpo com alcool canforado ou outro liquido analogo. Depois cobre-se bem e faz-se transpirar copiosamente.

Segundo e terceiro dias—Hostias de aspirina e massagem geral.

Quarto dia—Novo purgante de sulfato de magnesia, uma ou duas hostias de aspirina e massagem.

Quinto e sexto dias—Uma hostia de aspirina e massagem.

Septimo dia—Quer o tifo exantematico se tenha ou não declarado, deve ministrar-se ao doente meia gramma de calomelanos.

Oitavo e nono dias—Uma hostia de aspirina e massagem.

Decimo dia—Se a lingua estiver demasiado carregada, deve dar-se ainda meia gramma de calomelanos.

Decimo primeiro e segundo dias—Aspirina e massagem.

Decimo terceiro dia—Repouso ou aspirina e massagem.

Decimo quarto dia—Colomelanos.

O doente entra em seguida em convalescença. Durante a febre, applica-

ção de loções de vinagre ou agua. Contra o delirio produzido, quer seja pela febre, quer seja pela excitação do bolbo raquideo, deve empregar-se, de noite, a morfina, applicando uma ou duas injeccões.

O sulfato de magnesia, que actua por exomose, é purgante e antiseptico; a aspirina e a massagem activam a circulação e a transpiração.

O colomelanos é um purgante antiseptico e microbida.

Por fim, o Dr. Theodoro assegura que não teve nunca nem um caso de nefrite, de astomatite nem de gengivite.

DIVERSOS

Um aperfeiçoamento na indústria do aço. — O *The London Daily Telegraph*, publicou, sob a epigrafe «An improvement in the open-heart steel making», uma sucinta e importante noticia sôbre o assunto, reproduzida pelo *Scientific American*; tal o interesse que desperta à indústria em geral e à militar em particular: «Várias são as modificações introduzidas no primitivo processo básico para a obtenção do aço nos fornos Siemens (*open-heart process*) e com os quais a indústria do aço tem alcançado não pequenos melhoramentos.

Todas essas modificações são calcadas, porém, no principio da eliminação das impurezas do metal fundido, mediante a acção oxidante de uma escória básica que flutua à superficie superior do banho.

E isto basta para explicar a lentidão no processo de refinamento pela circunstância de ser muito limitada a quantidade de metal que se acha em contacto com a escória, e, portanto, submetida à sua acção.

No intuito de evitar tanto quanto possível esse inconveniente e poder obter-se maior rapidês nessa operação, um inventor inglês, propôz um processo do qual obteve privilégio, não só na Inglaterra, como nos Estados-Unidos, mediante o qual, a escoria não permanece só em contacto com o metal na superficie superior do banho, mas influi igualmente na superficie inferior.

Para isto, o inventor aconselha que se revista a superficie da soleira básica com uma camada de uma escória aquecida em elevada temperatura (*highly-heated slag*), formada por uma substância calcária, rica em matérias oxidantes, a que se funde lentamente em contacto com a carga líquida que constitui o banho (que se supõe introduzida, fundida no forno).

Conseqüentemente, à medida que esta escória se vai liquefazendo, tratará de ganhar a superficie superior do metal, o que se conseguirá devido à sua menor densidade, mas, depois de ter exercido a sua acção oxidante durante a sua ascensão através da massa líquida, e sem prejuizo de a continuar exercendo, uma vez que chegue a flutuar no banho.

Se isto puder praticamente ser realizado, não resta dúvida que a ideia que preside à invenção é realmente luminosa.

Não é necessário insistir na imensa vantagem das inumeráveis pequenas correntes de globulos de escória fundida passando continuamente através da massa líquida do banho, desde o fundo até à superficie.

Compreende-se, desde logo, que isto dará ou daria a obtenção de uma imensa superficie submetida simultaneamente à acção oxidante da escória, com a vantagem de que essa escória estaria constantemente renovada, tradu-

zindo-se numa reacção tão intensa quão completa e rápida, mui semelhante à acção do ar insuflando no conversor Bessemer.

Se todas as notícias a respeito desse invento são ou não verídicas, conclui o *Scientific American*, não podemos afirmar, nem negar ou contestar. Um assunto tão importante como este, que tende a resolver um problema capital para a indústria do aço, precisa ser acolhido com interesse e reserva.

Não bastam estas simples e breves notícias. É preciso que a prática sancione o invento.

O fabrico de projecteis d'aço de grande catibre. — Ninguém ignora que na época em que os projecteis se fabricavam por fundição, eram vazados em moldes verticais, conseguindo-se assim obter desde logo a forma exterior e interior do projectil, restando depois as demais operações necessárias complementares.

Para substituir os projecteis fundidos, por projecteis d'aço, não foi possível empregar um processo similar. Os projecteis d'aço exigem previamente a operação de escoamento do metal líquido em lingotes, depois a forjadura e a laminação dos referidos lingotes em formas cilíndricas de dimensões adequadas, a forjadura de um desses cilindros para esboçar a forma do projectil (forjar e embutir, conforme o caso) e outras operações, todas lentas, difíceis e dispendiosas, pelo que a fabricação de projecteis se torna não só muito cara, como de pequeno rendimento.

Esse processo, era por demais impróprio para uma produção intensa, como a actual guerra europeia impõe.

Era, pois, natural, que os industriais norte-americanos imaginassem processos mais expeditos, mais prontos, para, em curto prazo de tempo, atender aos grandes e urgentes pedidos.

E, para resolver essa importante questão, após muitos ensaios e não pequenas experiências, se chegou a um processo idêntico, ao da fundição dos antigos projecteis.

E' inútil dizer, que com o aço não é possível conseguir um projectil quasi terminado por meio de moldes. As grandes dificuldades a vencer na obtenção de um projectil de aço moldado, consistem na contracção e na segregação, fenómenos por demais conhecidos pelos metalúrgistas. Parece que tais dificuldades foram, senão vencidas, pelo menos abordadas satisfatoriamente, mediante artificios que não vêm a pelo tratar numa breve e sucinta notícia como esta.

Desse modo é possível alcançar-se blocos em forma de projecteis grosseiramente moldados, os quais são em seguida submetidos a operações de forja, ou antes de *embutimento*, relativamente fáceis e expeditas de serem executadas.

E, assim, se pode intensificar a produção dos projecteis, aumentando consideravelmente o rendimento do fabrico e obter grandes lucros pelo barateamento do produto, cujos factores, em tempo de guerra, têm um valor tão precioso como incalculável.

(De *Le Génie Civil*).

II

PARTE MARITIMA

Tonelagem mundial.—Segundo a estatística do *Bureau Veritas*, o número de navios de vapor existente em fins do 1.º semestre de 1917, com a sua tonelagem bruta, era o seguinte:

Nações	Número de navios de vapor	Milhares de toneladas brutas
Inglaterra.....	8.886	19.752
Alemanha.....	1.491	3.606
Estados- Unidos.....	1.372	3.158
Noruega.....	1.755	2.187
Japão.....	1.099	1.842
França.....	1.051	1.842
Itália.....	660	1.683
Holanda.....	693	1.483
Rússia.....	788	1.117
Suécia.....	1.004	945
Espanha.....	538	814
Austria.....	343	802
Dinamarca.....	552	772
Grécia.....	334	695
Portugal.....	162	320
Brazil.....	283	267
Belgica.....	138	244
Argentina.....	183	155
China.....	72	96
Chile.....	87	90
Romania.....	41	75
Turquia.....	95	74
Várias.....	189	170
Total.....	21.816	42.189

Novas construções.—Segundo a mesma autoridade, o número e tonelagem de navios de vapor em construção, desde outubro de 1916 a abril de 1917, é o seguinte:

Nações	Número de navios de vapor	Milhares de toneladas brutas
Inglaterra.....	241	672
Estados-Unidos.....	114	463
Holanda.....	100	190
Japão.....	46	129
França.....	9	59
Itália.....	7	32
Noruega.....	36	31
Dinamarca.....	9	23
Grécia.....	21	19
Espanha.....	7	4
Total.....	590	1.622

Faltam os dados da Alemanha. Parece que no princípio de 1917 estavam em construção nos estaleiros alemães perto de 900 mil toneladas.

Belgica

Criação duma marinha mercante. — O governo, na intenção de crear uma marinha mercante, patrocinou a formação do *Lloyd Royale Belge*, sociedade comercial protegida pelo Estado, tendo por objecto a construção de navios de comércio e a sua exploração comercial.

A Sociedade é administrada por um conselho de não mais de 12 membros, cujos actos são fiscalizados por dois delegados do Governo.

O capital é de 50 milhões de francos, com acções de mil francos cada, podendo mais tarde ser aumentado ou diminuído. A Sociedade pode contraír empréstimos por meio de emissão de obrigações, garantidas pelo Governo.

Em compensação da protecção do Estado, a Sociedade obriga-se:

- a) a conservar pelo menos dois terços de tonelagem total nas linhas regulares de navegação estabelecidas de acôrdo com os delegados do Governo;
- b) a assegurar a regularidade do serviço nessas linhas;
- c) a construir ou adquirir no mais breve prazo os vapores mais convenientes para esse serviço;
- d) a conservar toda a frota em exercício, garantindo-se contra os riscos por meio de seguros externos ou de fundos de reserva especiais;
- e) a conceder redução aos funcionários do Estado e aos agentes de comércio e indústria nacionais;
- f) a não receber subsídios estrangeiros sem autorização do Governo, nem a fretar os navios estrangeiros;
- g) a não vender mais de um quarto do valôr total da frota, nem embaudeirar os seus navios com bandeira estrangeira.

Depois da libertação do território nacional, a sede da sociedade será em Antuerpia.

Espanha

Subsídio à marinha mercante.—O governo suprimiu os prémios à navegação, em vista das condições prosperas do comércio marítimo.

Quanto aos prémios às construções navais, conservam-se apenas os que se aplicam a navios de mais de 500 toneladas.

Estados-Unidos

O futuro da marinha de comércio.—O incremento que vai ser dado à marinha mercante, determinado pelas circunstâncias especiais de momento, não será, na opinião de muitos, duradouro. Com efeito, as condições da mão de obra são tão onerosas que o custo dum vapor de carga regulava antes da guerra pelo dobro do custo dum igual em Inglaterra; as férias dos operários americanos são duplas das inglesas e o trabalho destes é cerca de 14 0/0 superior.

Comparando os vapores *Aztec* americano, *Canterbury* inglês e *Titania* norueguez, nota-se que os soldadas da tripulação do 1.º importaram antes da guerra em 2.695 dollars, as do 2.º em 901, e as do 3.º em 614.

Comtudo, as circunstâncias da concorrência internacional depois da guerra, são difíceis de provar, e para eles contribuirá muito a situação financeira dos Estados respectivos, podendo então ser que atenuem as discordâncias que apontamos.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

França

- 1 *Comptabilité en campagne et Services de l'habillement et du harnachement en temps de guerre* (Corps de troupe de toutes armes). Volume mis à jour à la date du 15 mai 1917. Limoges, imp. et libr. Henry Charles Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 175 p. Fr. 1,25
- 2 DAUZET (P.). *Guerre de 1914. La Bataille des Flandres. 16 octobre-15 novembre 1914*. Avec une carte en couleurs et deux croquis. Limoges, impr. et libr. Henry Charles Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-16, 132 p. Fr. 2,50
- 3 *Instruction sur les boulangeries légères de campagne*. Volume mis à jour au 1^{er} mai 1917. Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 120 p. avec figures.
- 4 *Livre de cuisine militaire en garnison et Instruction sur les moyens de donner à l'alimentation dans l'armée un caractère rationnel*. Volume mis à jour à la date du 10 avril 1917. Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 193 p. Fr. 1,25
- 5 *Missions accomplies par le 11^e régiment d'infanterie territoriale pendant la guerre 1914-1915-1916-1917, et Citations à l'ordre de l'armée*. Paris, impr. Paul Collemant, 60, rue de la Roquette. 1917. (23 juillet) In-8, 8 p.
- 6 MARION (G.), médecin chirurgien de l'hôpital Lariboisière, professeur agrégé à la Faculté de médecine. *Indications générales du traitement*

- des plâis de guerre suivies de quelques médications à l'usage des blessés, la localisation des corps étrangers, la technique des appareils pour l'immobilisation des membres. 2^e édition. 38 figures, 4 planches hors texte. Tours, impr. E. Arrault et C^{te}. Paris, A. Malaine et fils, édit., 27, rue de l'École de-Médecine. 1917. Grand in-16, 235 p.
- 7 MERCIER (P.), vice-président du Syndicat de la presse républicaine départementale. *Sur le front italien*. Avril-mai 1917. Impressions de route. Niort, impr. Th. Mercier, 1, rue Yver. 1917. Grand in-8 à 2 col., 31 p.
- 8 BARZINI (Luigi). *La guerre moderne sur terre, dans les airs et sous les eaux, vue par l'auteur*. Traduction de Jacques Mesnil. 2^e édition. Vauvnes, impr. Lafolye frères. Paris; libr. Payot et C^{te}, 106, boulevard Saint-Germain. 1917. In-16, 263 p. Fr. 3,50
- 9 HANOTAUX (G.) de l'Académie française. *Histoire illustrée de la guerre de 1914*. Fascicules 69 et 70. Paris, impr. G. Malherbe et C^{te}; «l'Édition française illustrée» (Gounouilhon, éditeur), 30, rue de Provence. 1917. Deux fascicules in-4 à 2 col. de 24 p. de texte et d'illustrations. N^o 69, p. 65 à 88; N^o 70, p. 89 à 112. Le fascicule, net Fr. 1
- 10 *Instruction sur l'aliment et le ravitaillement en viande des troupes en campagne* (18 mars 1901). Volume mis à jour à la date du 5 avril 1917. Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 122 p. Fr. 1,25
- 11 *Instruction (l') théorique et générale de l'artilleur par lui-même, pour la période de guerre*, par F. C., officier supérieur dans le gouvernement militaire de Paris. Extrait des divers services et règlements militaires. 10^e édition. Ce livre est écrit pour le canonnier. Avril 1917. Nancy. Paris, impr. et libr. Berger-Levrault. 1917. In-16, 115 p. avec fig.
- 12 *Instruction (l') théorique et générale du cavalier par lui-même pour la période de guerre*. Extrait des divers services et règlements militaires, par F. C., officier supérieur dans le gouvernement militaire de Paris. 14^e édition. Ce livre est écrit pour le cavalier. Avril 1917. Nancy, Paris, impr. et libr. Berger-Levrault. 1917. In-16, 141 p., avec fig.
- 13 *Aide-Mémoire d'artillerie*. Limoges impr. et libr. Henry Charles Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-16, 141 p., avec fig.
- 14 ALVIN (commandant) du 6^{ie} régiment d'artillerie, et Lagay (capitaine), du 8^e régiment d'artillerie. *Manuel d'artillerie de tranchée*. Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 128 p., avec fig.
- 15 AMBROISE (E.), délégué régional de la Société de secours aux blessés militaires, questeur de l'Académie de Stanislas. *La Croix Rouge dans les campagnes (1911-1917)*. Nancy, impr. Berger-Levrault. 1917. In-8, 32 p.
- 16 ASSOLLANT (commandant). *Vocabulaire militaire anglais français*. 3^e édition. Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8 à 2 col., 81 p. Fr. 2
- 17 AUGERAN (A.), chanoine titulaire de Blois. *À la mémoire du lieutenant aviateur Jean de Boisdeffre, mort au champ d'honneur, le 29 avril 1917*. Église de Champigny-en-Beauce, 16 mai 1917. Blois, impr. C. Migault et C^{te}, 1917. In-8, 9 p.

Inglaterra

- 1 *Ambulance for Boy Scouts*. How to Gain the Badge. By «An Ambulance Instructor». Cr. 8vo, swd., pp. 31. J. Brown net 2d
- 2 BADEN-PCWELL (Sir Robert). *Girl Guiding*. A Handbook for Guidelets, Guides, Senior Guides and Guiders. Cr. 8vo, swd., pp. 204. Pearson net 1/6
- 3 BARTLETT (Vernon) *Mud and Kaki* Sketches from Flanders and France. Cheap edition. Cr. 8vo, pp. 187. Simpkin net 1/6

- 4 BROWN'S Signalling. *How to Learn the Commercial Code and all other forms of Signalling.* To which is appended the British Signal Manual. Marconi Wireless Telegraphy Explained. 20th edition. Cr. 8vo, J. Brown net 3/
- 5 Canada in Khaki. No. 2. 4to, swd., pp. 172 *The Pictorial Newspaper Co.* net 3/
- 6 CATO (Conrad). *The Navy in Mesopotamia.* 1914-17. Cr. 8vo, pp. 222. Constable net 3/6
- 7 CORNFORD (L. Cope). *The Merchant Seaman in War.* With a Foreword by Admiral Sir John R. Jellicoe. Cr. 8vo, pp. 320. Hodder & S. net 6/
- 8 FARNOL (Jeffery). *Some War Impressions.* Cr. 8vo, swd., pp. 118. Sampson Low net 1/6
- 9 FIRTH (C. H.). *Then and Now; or, A Comparison Between the War with Napoleon and the Present War.* 8vo. Macmillan 1/
- 10 For His Friends. *Letters of 2nd Lt. P. G. Simmonds.* With Foreword by Dr. Selbie. Cr. 8vo, pp. 123. Simpkin net 2/6
- 11 FOX (Frank). *The Battles of the Ridges, Arras, Messines.* March-June, 1917. Cr. 8vo. Perrson net 1/
- 12 GACLOWAY (C. F. J.). *The Call of the West. Letters from British Columbia.* 2nd edition. 8vo, pp. 324. T. F. Unwin net 12/6
- 13 HAY (Marley Fotheringham). *Secrets of the Submarine.* Illustrated. Cr. 8vo, pp. 123. Skeffington net 2/6
- 14 HOWELL (B.). *The White Band; or, the Compleat Cadet.* Royal 8vo, pp. 24. Heffer. net 1/
- 15 HURD (Archibald). *Ordeal by Sea. The Story of the British Seaman's Fight for Freedom.* Cr. 8vo, pp. 227. Jarrolds net 5/
- 16 HURST (Gerald B.). *With Manchesters in the East.* Cr. 8vo, pp. 112. Longmans net 2/6
- 17 *Jane's Fighting Ships. 1917.* An Encyclopædia of the Navies of the World. (Acting Editor. Maurice Prendergast). 4to, pp. 660. Sampson net 25/
- 18 JOHNSTON (Col. Wm.). *Roll of Committsioned Officers in the Medical Service of the British Army who served on full pay with in the period between the accession of George II. and the formation of the R.A.M.C.* Edited by Lieut.-Col. H. A. L. Howell. Royal 8vo, pp. 710. Univ. P. (Aberdeen).
- 19 KELLOG (P. U.). *The Fourth Year in Belgium.* How help is reaching the Lowlands through the American Red Cross. Cr. 8vo, pp. 32. 4, Place de la Concorde (Paris).
- 20 MASTRRMAN (E. W. G.). *The Deliverance of Jerusalem.* 8vo, swd., pp. 63. Hodder & S. net 1/
- 21 *Mechanism of the Enfield (1904) Rifle.* 18mo. swd. Gale & P. net 6d
- 22 NOBBS (Captain Gilbert). *Englishman. Kamerad! Right of the British Line.* Cr. 8vo, pp. 222. Heinemann net 3/6
- 23 *Quartermaster and Ordnance Supply.* By Instructors of the A.S.S.C. Cr. 8vo. Camb. Univ. P. net 6/6
- 24 *Souvenir of the Welsh Division, 1918.* Edited by Jeffery E. Jeffery. Royal 8vo, pp. 83. «Western Mail» (Cardiff) 1/6
- 25 *Story of the Anzacs. An Historical Account of the part taken by Australia and New Zealand in the Great War.* Royal 8vo, pp. 153. J. Ingram (Melbourne) 5/6
- 26 TAIT (Capt. James). *Tait's New Seamanship.* 8th edition. Cr. 8vo, pp. 434. J. Brown net 4/6
- 27 *Times History of the War (The)* Vol xiii. 4to, pp. 472. «The Times» net 10/6. 12/6. 15/
- 28 WEAVER (E. M.). *Notes on Military Explosives.* 4th edition, Revised and enlarged. Cr. 8vo, pp. 300. Chapman & H. net 13/6
- 29 WILKINS (H. J.). *History of the Loyal Westbury Volunteer Corps, from A.D. 1803 to A.D. 1814.* Royal 8vo, swd., pp. 51. Simpkin 1/6

II — PERIÓDICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 12 de dezembro de 1917, e n.º 1 de janeiro de 1918. Balística externa. A respeito de submersíveis. Princípios de administração. Influencia da guerra moderna no ensino naval. Memórias de arqueologia naval portuguesa. O conselheiro Castro Guedes. A guerra submarina. Aos oficiais da marinha mercante. Antiquidades navais.
- 2 *O Instituto*, n.º 2 de fevereiro de 1918. Uma crise de subsistências no anno de 1680. A guerra e os exercícios da actualidade. Correspondencia do Conde de Castelmelhor com o P.^e Manuel Fernandes e outros (1668 á 1678). O Fausto de Goethe. Documentos sobre varias industrias portuguezas.
- 3 *O Oriente português*, n.ºs 11 e 12 de novembro de 1917. Deposição do vice-rei da India. Assento de obitos. Comedias de Diu.
- 4 *Revista aeronautica*, n.ºs 4 e 6 de julho a dezembro de 1917. As primeiras vítimas da aviação militar em Portugal e Guynemas. Pilotos aviadores navais. Mais dois pilotos diplomados em Portugal. Pilotos aviadores militares portugueses. Zeppelins, superzeppelins e titans superzeppelins. Aeronautica em Portugal: Primeiros vôos realizados na Escola de Vila Nova da Rainha. Alguns dos principais vôos realizados em 1916-17. Acidentes e incidentes. Caça em aeroplano.
- 5 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 190 de dezembro de 1917. Representação da Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinária, ao Ministro do Trabalho e Previdência Social, acêrca do decreto n.º 3:418, sobre gados e carnes. A propósito do envenenamento dos alunos da Escola de Guerra. Ementário dedicado aos n.ºveis médicos-veterinários. Serviços veterinários do Ultramar — Regulamento de sanidade pecuária de Angola.

Brazil

- 1 *O tiro de guerra*, n.º 1 de janeiro de 1918. O Brazil na guerra. Proclamação Presidencial. A nova phase. A situação actual dos officiais. A situação actual dos officiais atiradores. O problema dos Instructores. Educação physica militar. O «Brazil na Guerra», discurso do poeta O Bilac. O tiro de guerra. O momento militar. Avaliação de distancia. O fim das sociedades de tiro. Sapa. A predilecção e o horror pelas cristas. Leitura necessaria. O moderno official de cavallaria. A instrucção de pontaria. O tiro santareno. A insubmissão dos sorteados no estado actual da nossa legislação penal. O tiro nacional. Alvorada. O tiro nos Estados. Relação das sociedades incorporadas. Instrucções para a construcção da linha de tiro. Instrucção para a revista «O tiro de guerra».

Chile

- 1 *Memorial del ejercito de Chile*, n.º de fevereiro de 1918. *Vox Victis!* Instrucción de nuestros sub-oficiales de artilleria. *La defensa nacional*. Organizacion de la primera armada nacional. *Legislacion militar y orden administrativa en los cuerpos*.

Cuba

- 1 *Boletin del ejercito*, n.º 5 de janeiro de 1918. Principios de la guerra de posicion segun el general von Bulow. Ejercicios tacticos de Infanteria en el ejercito frances. Los nuevos acantonamientos del ejercito de los Estados Unidos. La espuela. Cédulas de identificacion para la

Armada. La guerra de las maquinas. Instrucciones de reclutas en el servicio de piezas. Cañones y artillero en la guer. a. Lecciones dedicadas a los sanitarios.

Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 2 de fevereiro de 1918. Educación militar y espirito publico. Apuntes historicos — Jerusalem. La guerra europea : crónica politico-militar.
- 2 *La guerra y su preparacion*, n.º 1 de janeiro de 1918. Visita al frente alemán en Belgica. El servicio de perros de guerra y de tiro, en Austria-Hungria. Misión militar en el ejercito francés. Las conferencias de Brest-Litowk. La alimentación del soldado alemán. Ejercito rumeno. — Carro militar desmontable.
- 3 *Memorial de artilleria*, n.º de fevereiro de 1918. Artilleria y aviación : Su empleo y su enlace en la guerra moderna. Aprovechamiento de material de artilleria tomado al enemigo. La enseñanza militar y científica.
- 4 *Memorial de caballeria*, n.º de fevereiro de 1918. Boceto de una nueva organización de los servicios sobre cria caballar y remonta del ejercito. Cuándo debe combatir pie a tierra la caballeria. Militarismo. La caballeria y la organizacion del ejercito. Notas para un sistema de ascensos. Cronica de la guerra.
- 5 *Memorial de infanteria*, n.º de fevereiro de 1918. Sobre organizacion. Lo que han hecho los franceses en Marruecos. La seguridad durante el disparo en las ametralladoras. Proyecto de regleta de mediciones. Curva balística. Variedades.

Estados- Unidos

- 2 *The International Military Digest*, vol. 4 n.º 1 (janeiro de 1918).

Mexico

- 1 *Revista del ejercito y marina*, n.ºs 10 e 11 de outubro e novembro de 1917. La fragata «Presidente Sarmiento». El ejercito argentino. La revolución mexicana de 1910. La marina de guerra. El servicio militar obligatorio. Sobre escuelas de equitación militar. Lobos de mar. Experiencias sobre capacidad de marchas. Apuntes de cria caballar. Ne-crologia. Seccion amena — Una medalla. Duelo e muerte.
- 2 *Tohtli*, n.º de janeiro de 1918. La aviación mexicana traza una nueva ruta a la industria nacional. Escuela. Visita de los C. C. miembros del Congreso nacional de industriales a la Escuela y talleres de aviación. El aeroplano en el extranjero. Torpedos aereos. El progreso meca-nico de la aviación. Seccion de aerologia.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.ºs de janeiro e fevereiro de 1918. Tilbake-blik. System Krigen xxix. Militærski. De franske revolutionshore og disciplinen. Ungsocialismens kamp mot Jorsnaret. Krigen xxx. Vork kavalleri. Infanteriet — harens hovedbestanddel eller dans hoveduaa-ben. Hoveduaabnet. Disciplin. Samvirken mellem artilleri og infan-teri.

Peru

- 1 *Boletin del Ministerio de guerra y marina*, n.ºs de outubro a dezembro de 1917. Conferencias en la Academia de Estado Mayor. Conferen-cias regimentarias.

Suissa

- 1 *Revue militaire suisse*, n.º 2 de fevereiro de 1918. La situation actuelle de nos mitrailleurs d'infanterie. Le théâtre des opérations de l'armée italienue. La musique dans l'armée suisse.